CHUMBO GROSSO

WOODROW McDONALD

ADEUS, CANALHA!

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 92

TÍTULO: ADEUS, CANALHA!

CAPA: PEDRO MONTEIRO

AUTOR: WOODROW McDONALD

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1990

CHUMBO
GROSSO

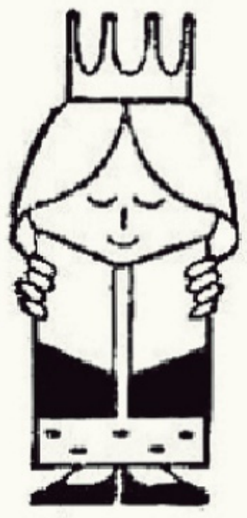
ADEUS, CANALHA!

WOODROW McDONALD

Capa de:

PEDRO MONTEIRO

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE



EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMXC Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

PRÓLOGO

Laramie, Wyoming, maio de 1880

Steve Lerner olhou com um sorriso para a porta do banco.

Lá estava ela!

A pesada caixa de madeira que continha nada mais e nada menos que quinhentos mil dólares em ouro, em bonitas barras, garantidas pelo Tesouro Nacional.

Dois guardas a estavam levando para o grande cofre-forte que ficava atrás da poltrona do diretor e dois outros homens, armados até os dentes, vigiavam com muita atenção tudo o que estava acontecendo por ali. de maneira a não haver a possibilidade de qualquer surpresa.

Afinal de contas, quinhentos mil dólares em ouro era coisa suficiente para deixar muita gente tentada e fazer com que muitos pensassem seriamente em cometer loucuras para conseguir deitar-lhe as mãos em cima.

Steve olhou para o seu lado direito e viu que os dois companheiros também estavam acompanhando atentamente o que aqueles homens estavam fazendo ali no banco.

— O ouro já está aí — comentou John Kelley. — Agora, é só termos um pouquinho de paciência e logo estaremos os três milionários!

Tom Seal, o que estava mais próximo a Steve, comentou:

— Não sei porque devemos ter paciência! Poderíamos muito bem apanhar esse ouro ainda hoje! Bastaria esperar que escurecesse e pronto!

Kelley sacudiu negativamente a cabeça e falou:

— Nada disso! Não devemos agir antes de quatro ou cinco dias no mínimo!

E com paciência, como um mestre-escola que está ensinando alguma coisa muito séria para os seus alunos, ele falou:

— Durante cerca de uma semana ou até um pouco mais, todas as atenções estarão voltadas para este ouro. Depois, o povo começará a esquecer e tudo voltará à rotina, com exceção dos dois guardas a mais que o

banco já contratou para reforçar a segurança de sua caixa-forte. Aí, será a hora de agirmos!

Seal e Lerner nada disseram.

Kelley era o chefe e eles tinham que obedecer às suas determinações.

Com um sorriso. Kelley prosseguiu:

— Estou até sendo excessivamente tolerante! Estou admitindo o assalto com quatro ou cinco dias... Talvez seis..., mas na realidade, deveríamos agir somente dentro de dez ou quinze dias! Seria muito mais seguro!

Deixando a janela e voltando-se para o interior do saloon. ele murmurou:

— Venham... Vamos tomar um uísque e revisar mais uma vez o nosso plano.

Enquanto bebiam e Kelley falava a meia-voz o que tinham planejado para o dia do assalto, Lerner deixou que seus pensamentos voassem um pouco.

Na realidade, não estava gostando nem um pouco daquilo.

Sacudiu a cabeça tentando mais uma vez afastar da mente aquele tipo de pensamento e tomando um gole de uísque, refletiu:

— Por mim, não estaria aqui... Me transformando em um ladrão de bancos com o risco de virar até mesmo um assassino!

Olhou para os dois companheiros.

Era certo que ele lhes devia alguma coisa.

Porém, não era necessário que os acompanhasse naquela aventura amalucada!

Seal e Kelley o tinham livrado de morrer, possibilitado a sua fuga.

Mas, será que isso justificava o fato de ele estar ali, planejando um assalto terrivelmente ousado e perigoso?

Enrolando com habilidade um cigarro usando apenas a mão esquerda, Lerner pensou:

— Ora! É o destino! Ele não quis que eu tivesse uma vida normal, que eu continuasse uma vida honesta e regrada! Foi o próprio destino que me empurrou para este tipo de situação e segundo o que o meu próprio pai sempre disse, não adianta querer ir contra os desígnios do destino!

Sentiu, como todas as vezes, os seus olhos encherem-se de lágrimas ao se lembrar de seu pai.

Seu pai, sua mãe, sua irmã...

Havia uma família!

Melhor e mais apropriadamente dizendo, houvera uma família!

Mas ela tinha sido destruída, completamente desarticulada e a rotina a que ele e os seus estavam acostumados, tinha se rompido completamente.

Aqueles bandidos!

Era bem certo que Steve Lerner tinha conseguido se vingar, mas, no fundo, de que lhe tinha valido a vingança?

Seu pai e mãe estavam mortos e sua irmã estava em um colégio de freiras, em San Francisco, longe dele, possivelmente sem nunca mais poder vê-lo!

E depois daquele assalto que estava planejando, aí mesmo é que ela jamais poderia voltar a se encontrar com ele!

Tinha sido tão cruel.

Lembrava-se como se tivesse acontecido havia dois dias e não três anos.

* * *

Bob Lerner, seu pai, tinha acabado de realizar um negócio, uma venda de gado que lhe tinha rendido quase dez mil dólares.

Era inegavelmente, um bom dinheiro.

Entusiasmado, decidira fazer uma festa em seu rancho, convidando o xerife, o juiz local e mais alguns amigos.

— Mataremos um garrote e faremos um belíssimo churrasco para festejar o negócio — disse ele para a. esposa, Ludmila. — E vamos torcer para que este seja o primeiro de muitos outros negócios semelhantes durante este ano!

Assim dizendo, enviou o filho à cidade para efetuar os convites e na última hora, Louise, sua filha, resolveu que também queria ir.

— Você vai se cansar — falou para a irmãzinha. — Não é muito perto!

Mas a menina, com seus sete anos de idade, insistira e acabara por vencer todas as barreiras.

— Leve-a, Steve — falou o pai. — E deixe-a dormir na casa do juiz. Louise poderá vir com ele amanhã e assim, não ficará tão cansada!

Assim fizeram.

Os dois foram a cidade, Louise toda lampeira e orgulhosa de passear com o irmão, dez anos mais velho do que ela, ele por sua vez, feliz por ter a oportunidade de fazer a irmãzinha sorrir.

Cerca de duas horas depois que eles tinham partido, Bob Lerner escutou o ruído de cavalos que chegavam a galope no pátio da casa.

Franzindo as sobrancelhas, ele ajeitou um pouco melhor o cinturão com os Colts e olhando para a mulher, falou:

—Vou ver o que está acontecendo aí fora. Não gosto de gente que chega a galope na casa dos outros! Ou é uma notícia ruim ou então, simplesmente gente má!

Os dois estavam nos fundos da casa, Bob começando a ajeitar as facas de que ia precisar para destrinchar o garrote que tencionava matar para a sua festa e Ludmila, preocupada, falou:

— Pegue a espingarda, querido... Não se arrisque!

Bob deu de ombros e respondeu:

— Ora! Não se preocupe! Eu ainda sou bastante bom com os revólveres! Não é muito fácil encontrar alguém que consiga me abater!

Bob, naquele dia, deveria ter lembrado que não há pistoleiro que não encontre um rival, cedo ou tarde.

E ele, além de tudo, nem sequer era um pistoleiro.

Era, isso sim, um homem que sabia atirar bem, rápido no gatilho e preciso em sua pontaria.

Mas não era um pistoleiro!

Esta classe muito especial de homens, além de atirar com rapidez e precisão, possuem um outro requisito sem o qual, não existe pistoleiro nenhum.

O verdadeiro homem de armas é, antes de tudo, um homem frio.

Um indivíduo capaz de atirar primeiro e depois fazer perguntas.

Um homem que não dá a menor oportunidade ao adversário.

Bob Lerner não era pistoleiro e exatamente por isso, ele errou.

Errou ao sair de casa sem se preocupar com a sua própria defesa, sem avaliar o tamanho do perigo que estava correndo.

Ele viu os quatro homens que estavam diante de sua casa e que todos eles estavam empunhando suas armas.

Só isso teria sido mais do que suficiente para um pistoleiro qualquer se jogar ao chão, já puxando o gatilho de suas armas.

Lerner não fez nada disso.

Ouviu os dois disparos, sentiu a mordida do chumbo em sua barriga e em seu peito.

De repente, percebeu que não teria forças para se manter de pé e olhando para o homem que o tinha atingido, reconheceu-o imediatamente.

Sentiu que seus joelhos dobravam, ouviu o grito de Ludmila que se aproximava, correndo.

Ela também reconheceu o bandido e vendo o marido já 110 meio de uma poça de sangue, precipitou-se para ele, perguntando:

— Mas por quê. Mareei? Por quê fez isto?

Mareei Gérard sorriu maldosamente e falou:

— Há dez mil dólares... E você! Não acha que é motivo mais do que suficiente?

* * *

Steve Lerner acendeu o cigarro.

Sorriu discretamente quando viu o xerife entrar no saloon.

Viu que os seus dois companheiros perdiam um pouco da arrogante autoconfiança que sempre demonstravam, uma vez que a presença de um representante da lei por perto podia, no mínimo, significar perigo para eles. Uma prova da veracidade de que rabo empalhado tem medo de fogo.

Porém, o xerife não estava interessado em nenhum deles.

Queria, isso sim, tomar um bom gole de uísque e simplesmente comentar a respeito da presença daquele ouro todo ali no banco.

— Acho imprudente — falou ele para o barman. — Afinal de contas são quinhentos mil dólares! Dinheiro para tentar qualquer um!

Servindo a bebida para o representante da lei, o barman disse:

— Não há perigo, Butch! Não acredito que haja alguém com coragem para tentar fazer alguma coisa. O ouro estará bem protegido e os quatro homens que estão cuidando dele não permitirão nem mesmo que uma mosca se aproxime!

O xerife meneou a cabeça em sinal de dúvida e resmungou:

— A ambição faz cometer loucuras, meu amigo! E o bicho-homem é, antes de qualquer outra coisa, ambicioso!

Olhou para os três bandidos que ali estavam bebendo, fingindo a maior naturalidade possível e disse, em voz baixa, de maneira a que apenas o barman o pudesse escutar:

— Além do mais, há forasteiros na cidade... E você sabe como eu não gosto de forasteiros aqui em Laramie!

— Bem, Butch — ponderou o barman, com um sorriso. — A cidade não é apenas dos moradores daqui. Laramie está ficando muito importante graças aos negócios com o nosso gado! Não podemos evitar a presença de forasteiros, não acha?

O xerife não teve o que contestar.

Sabia que o funcionário do saloon estava com a razão.

Mas sabia, também, que esse progresso todo que estava chegando à sua cidade, acabaria por trazer-lhe aborrecimentos.

Sempre fora da teoria que a paz e o progresso não costumam andar de mãos dadas!

Sorrindo da expressão que o xerife fazia, o barman falou:

— Tome mais um uísque, Butch... E vá dormir sossegado pois sou capaz de apostar que ninguém terá coragem de tentar assaltar o banco por estes dias! Creio que a cidade inteira está ao menos indiretamente, tomando conta daquela caixa!

Steve Lerner sorriu, disfarçadamente.

Era bem verdade o que o barman tinha acabado de dizer.

E mais uma vez, ele comprovava que Kelley era um excelente estrategista.

Soprando para cima uma baforada de seu cigarro, ele pensou:

— Ora, eu também sei arquitetar planos! Basta lembrar do que eu montei para poder vingar a morte de meus pais!

* * *

Steve deu graças a Deus por ter deixado sua irmã com o juiz.

A pobre menina não teria suportado ver aquela cena deprimente.

Bob Lerner estava morto, tinha uma bala na barriga e uma outra no peito, ambas em regiões nobres do corpo, qualquer uma das duas podendo ter sido a responsável por sua morte.

Sua mãe ainda vivia, estava consciente.

Tinha ferimentos pelo corpo todo, rudemente violentada por aqueles quatro bandidos.

Porém, ela ainda não morrera e pior do que isso, não tinha perdido a consciência.

— Mareei... — murmurou ela, em um sopro. — Foi Mareei... Roubou o dinheiro... E fez tudo isto.

Chorando muito Steve a viu morrer, soltar o último suspiro.

Depois, ele a enterrou junto ao cadáver de seu pai e da melhor maneira que pôde, arrumou a casa tentando limpar as manchas de sangue que havia por ali.

Sim, a casa tinha que ficar limpa em perfeitas condições de receber de volta a sua irmã, dentro de alguns anos, depois que ele tivesse conseguido se vingar e refazer a vida familiar tão dramaticamente destruída.

Rezou à beira da sepultura dos pais e montando em seu cavalo, voltou à cidade.

Precisava avisar a todos de que não iria mais haver festa nenhuma e que, durante muito tempo, aquele rancho não teria mais dono.

Steve precisava se vingar...

Isso era mais importante do que qualquer coisa!

Mareei! Mareei Gérard, aquele canadense que se mostrava tão amigo de seus pais!

Como era possível?

Já estava chegando à cidade quando ele teve a idéia.

Se Mareei tinha agido daquela maneira por causa de dez mil dólares, o que ele não faria por cem mil?

Em meio a sua tristeza, Steve sorriu.

Tinha encontrado uma boa maneira de fazer com que Mareei se traísse, caísse em uma armadilha.

Chegando a cidade, a primeira coisa que fez foi procurar o xerife e contar-lhe que sua família tinha sido assaltada e seus pais assassinados.

Evidentemente, como sabia muito bem que o xerife jamais permitiria que ele fosse à vingança, omitiu as últimas palavras de sua mãe, dizendo mesmo que, quando ele lá chegara, os dois estavam mortos havia muito tempo.

— Levaram os dez mil dólares que meu pai tinha conseguido com a venda do gado... — falou Steve. — Mas graças a Deus não encontrariam o

esconderijo do ouro!

E com um olhar arregalado, completou:

— Há mais de cem mil dólares! Muito mais do que isso!

Deixou o escritório do xerife com um sorriso nos lábios.

Sabia muito bem que o representante da lei iria comentar com alguns amigos a respeito do que tinha acontecido na casa dos Lerner e sobretudo, haveria de comentar com o próprio Mareei sobre os cem mil dólares em ouro.

O que, na verdade, não era nem um pouco fora de propósito existir, uma vez que naquela época e nessa região, sempre havia um pouco de garimpo e assim, possuir-se ouro não era absurdo nenhum.

Depois de ir à casa do juiz para participar ao magistrado o que tinha ocorrido e deixá-lo com a terrível incumbência de contar para a pequena Louise o triste fim de seus pais, Steve voltou para casa.

Viu, satisfeito, que o xerife estava naquele momento conversando com Mareei Gérard em seu armazém.

— Pronto! — murmurou ele. — Poderei esperar por sua visita! Posso apostar vinte anos de minha vida como Mareei irá até o rancho outra vez, ainda hoje!

* * *

Kelley, Seal e Lerner passaram os quatro dias que se seguiram à chegada do ouro a Laramie procurando prestar muita atenção ao movimento da cidade, ao que acontecia no banco e analisando com extremo cuidado todas as possibilidades de fuga de que poderiam dispor em caso de alguma coisa dar errado em seu plano.

Àquela altura dos acontecimentos, Lerner já estava desconfiado de que Kelley estava querendo passar-lhe a perna.

Na realidade, não havia nada que os unisse e assim, seria muito fácil para o bandido fazer as coisas de maneira a descartar toda e qualquer participação de Lerner nos lucros daquela empreitada.

— Kelley vai jazer com que eu fique para trás — pensou Lerner, enquanto escutava o plano do chefe. — Vai querer que eu segure os cavalos e no momento certo, vai atirar em mim para me ferir e me deixar cair preso nas mãos do xerife Butch!

Sorrindo intimamente, Lerner murmurou:

— Ele está pensando que eu só um idiota. Está imaginando que não serei capaz de lhe fazer frente! Pois está muitíssimo enganado! Kelley vai levar um bom susto quando chegar o momento certo!

* * *

Marcel não decepcionou.

Seriam quase onze horas da noite quando Steve Lerner escutou o ruído de patas de cavalos no pátio da frente de sua casa.

Sem se deixar trair por qualquer barulho que fizesse, rastejou pelo forro da sala, até ficar exatamente sobre a claraboia de acesso ao andar superior da casa.

Os bandidos apareceriam logo abaixo dele, no momento em que entrassem na sala.

A luz do lampião que tinha deixado aceso no canto da mesa de jantar, Lerner viu claramente Mareei entrar, seguido por outros três, todos empunhando seus revólveres.

Com o coração aos saltos dentro do peito, esperou que os bandidos ficassem em uma posição boa.

Então, ele armou os dois cães da Elley calibre doze que estava em suas mãos.

O ruído das molas se travando soou aos seus ouvidos como dois tiros de canhão.

Embaixo, os bandidos também escutaram o barulho e mais do que depressa, eles trataram de buscar a proteção dos móveis.

Foram rápidos...

Porém, não tão velozes que pudessem ter escapado da formidável chuva de chumbo que Steve Lerner despejou sobre eles.

Mareei e seus comparsas foram literalmente achatados contra o chão, praticamente destruídos pela carga de quase setenta gramas de chumbo grosso que lhes caiu em cima.

Calmamente, Steve Lerner recarregou a espingarda.

Poderia haver alguma surpresa e ele não estava com a menor vontade de ser apanhado de calças curtas.

Desceu pela claraboia, saltou para o pavimento inferior e revistou os cadáveres dos facínoras.

Do dinheiro que eles tinham roubado de seus pais, havia ainda nove mil e quinhentos dólares.

Lerner sorriu.

Com aquele dinheiro, poderia sustentar sua irmã em um colégio interno por pelo menos dois anos.

E era isso mesmo o que ele estava querendo fazer.

Enviar a irmã para longe, a qualquer lugar onde ela não estivesse correndo perigo nenhum e enquanto ele trabalhava no rancho, ela estaria se preparando para ser alguém na vida.

Pelo menos, para se casar com um homem que lhe desse uma vida mais segura do que aquela que seus pais tinham tido ali no oeste.

* * *

— Acho que podemos cuidar do assalto esta tarde — falou Kelley, ao fim do sexto dia depois da chegada do ouro a Laramie. — Haverá um casamento em um dos ranchos mais importantes da região e a cidade estará praticamente vazia!

Sem dúvida nenhuma, não poderia existir uma oportunidade melhor para os três facínoras.

Com a festa, pelo menos metade dos homens válidos de Laramie estariam ausentes e isso facilitaria enormemente toda e qualquer ação por parte de Kelley e de seus companheiros.

Pacientemente, eles esperaram até cerca de três e meia da tarde, quando então a maior parte das pessoas já se tinham dirigido para o local dó casamento.

Então, agiram.

— Cuide dos cavalos — ordenou Kelley para Lerner. — Fique na porta dos fundos do banco, vem sair de lá e quando nós aparecermos com o ouro, ajude-nos a colocar as barras em nossos alforjes.

Lerner fez um sinal de assentimento com a cabeça e dirigiu-se à estrebaria municipal para apanhar os animais.

Porém, Kelley e Seal não sabiam que o rapaz não estava disposto a servir de bucha de canhão.

Ao invés de pegar os três animais, Lerner apanhou um só, apenas o seu Mustang, um cavalo de fazer inveja a qualquer criador.

Enquanto isso, no interior do banco, os dois bandidos não encontravam dificuldades em render os dois guardas e os dois funcionários das caixas, amarrando-os e amordaçando-os com a ajuda do próprio diretor, que sob a mira dos resolveres de Kelley, não encontrou outra alternativa senão obedecer às ordens dos bandidos.

Em seguida, Kelley e Seal apanharam o ouro no interior da caixa-forte e mais do que depressa, dirigiram-se para a porta dos fundos onde, segundo o que imaginavam, Lerner estaria esperando com os cavalos.

— Bastará um tiro no ombro ou então na coxa — falou Kelley — e Lerner não poderá nos seguir.

—Por que não o matamos de uma vez? — perguntou Seal, partidário das soluções imediatas, mais drásticas.

— Porque nós queremos que o povo da cidade tenha em quem se vingar — explicou Kelley. — Pegando Lerner vivo, eles o lincharão e assim, acabarão por se esquecer de nós por algum tempo. Isso facilitará a nossa fuga!

Assim dizendo, Kelley abriu a porta dos fundos, já certo que conseguiria saltar sobre sua cavalgadura para, depois, acertar as duas balas com que pretendia matar Lerner.

Foi nesse momento que as surpresas começaram...

* * *

Steve Lerner não tardou muito a perceber que a humanidade e antes de qualquer outra coisa, má e implacável.

Os homens, sempre que podem, arrumam uma maneira de se aproveitarem de seus semelhantes e quando estes estão indefesos e por qualquer razão, debilitados e frágeis, aí então mais do que nunca.

Uma imensa semelhança com os abutres que ficam esvoaçando por cima da rês que está doente a cambaleante na pradaria.

Os vizinhos perceberam as dificuldades que estava passando o pobre Steve.

Não vacilaram nem um pouquinho em oferecer-lhe negócios que pareciam fenomenais, fabulosos e que, na realidade, não eram mais do que

armadilhas para fazerem o moço afundar-se mais ainda do ponto de vista financeiro.

Conseguiram.

Em menos de dois meses depois da morte de seus pais, Steve Lerner estava sem um centavo.

E tinha para desespero seu que manter a irmã em um colégio que lhe custava um bom dinheiro todos os meses.

Não havia outra possibilidade...

Teria que vender o rancho.

Desamparado, Lerner não sabia mais o que fazer para conseguir o dinheiro necessário e a venda de suas terras, ao menos, permitiria que Louise não sofresse demais as consequências das idiotices que ele andara fazendo.

Recebeu aproximadamente trezentos mil dólares pelo rancho, ficou com apenas dez mil e o restante, enviou para San Francisco, deixando-o em uma conta da irmã.

— Agora — disse ele para si mesmo. — Vou tratar de ganhar alguma coisa de qualquer maneira.

Começou a jogar.

Teve sorte, ganhou um pouco, depois, percebendo que as pessoas com quem jogava eram tolas o bastante para não descobrirem que ele .se utilizava de pequenos truques, acabou por se habituar a não ser um dos melhores exemplos de honestidade com as cartas.

Aumentou brutalmente os ganhos, provando para si mesmo que não valia a apena ser honesto.

Esqueceu-se, porém, que, à medida que um jogador vai ganhando e conseguindo trapacear e ludibriar os companheiros, ele vai automaticamente adquirindo uma espantosa autoconfiança.

Passa a achar que não mais pode errar, que não há a menor possibilidade de ser apanhado trapaceando.

E assim, por causa dessa excessiva autoconfiança, uma tarde em Denver, Steve se distraiu.

De sua manga, duas cartas caíram, os adversários viram e logicamente, quiseram linchá-lo.

Foi nesse momento que por um milagre ou ainda, por mero capricho do destino, apareceram Kelley e Seal.

De armas nas mãos, os dois impediram a população de fazer qualquer coisa com o rapaz e sob sua proteção, Steve deixou a cidade.

Sim, Kelley e Seal o tinham livrado da morte.

Lerner não se esquecera disso.

E estava com esse pensamento na cabeça no instante em que o bandido Kelley abriu a porta dos fundos do banco, certo de que iria encontrar o cavalo à sua espera.

* * *

Kelley saiu do banco segurando na mão esquerda metade das barras de ouro que estavam na caixa e na mão esquerda, o seu revólver.

Seguido por Seal que trazia a outra metade do ouro, imediatamente, o chefe dos bandidos percebeu que tinha sido logrado.

Apenas o cavalo de Lerner estava ali, o que significava as intenções de Lerner dar o fora sozinho.

Melhor dizendo, com o ouro, deixando-os mortos ali, esticados no chão.

Confirmando o que Kelley estava supondo, Lerner disse em tom ameaçador:

— Vamos, Kelley! Passe o ouro para cá!

Voltando-se para Seal, o rapaz acrescentou:

— E você também! Não tentem me forçar a atirar!

Kelley e Seal riram.

— Como você pretende atirar? — perguntou o chefe. — Você ainda está com as armas nos coldres! Nós já estamos com os revólveres nas mãos!

Lerner sorriu com frieza.

Uma frieza que fez arrepiar os pelos do corpo de Kelley, pois percebia que aquele moço não era o idiota que estavam imaginando que fosse.

Veloz e simultaneamente, os dois bandidos ergueram os revólveres para disparar contra Lerner.

Porém, ele não lhes deu tempo.

Deixando pender o corpo para a direita, Lerner sacou.

Suas balas foram encontrar o centro da testa dos dois bandidos matando-os antes mesmo que pudessem ter entendido o que tinha acontecido.

Nesse momento, o diretor do banco, tendo conseguido se libertar, apareceu à porta empunhando uma calibre doze de canos serrados e vendo que os dois bandidos que o tinham assaltado estavam no chão, falou:

Muito bem, rapaz! Pode estar certo que o meu banco saberá ser grato a você pelo que que acabou de fazer!

Por um instante, Lerner vacilou.

Sua intenção, evidentemente, era apanhar aquele ouro todo e desaparecer para o Canadá.

Porém, as coisas começavam a se complicar.

O ouro estava sob os cadáveres dos bandidos, daria muito trabalho tentar tirá-lo dali e para agravar, aquele homem que estava à sua frente, empunhava uma espingarda de caça de canos serrados, arma contra a qual era muito difícil haver defesa.

Alguns curiosos começaram a aparecer, a situação começava a ficar insustentável.

O diretor do banco olhou para ele e sorriu.

Steve Lerner sorriu.

Guardou os revólveres nos coldres e disse:

— Acho que o ouro está aqui debaixo dos cadáveres, companheiro! Se me der uma mãozinha, poderemos recuperá-lo!

O diretor do banco respirou aliviado.

Sim, ele sabia muito bem quais eram as intenções de Lerner.

E sabia também que seria uma judiação atirar contra ele...

* * *

Steve Lerner recebeu cem mil dólares de recompensa.

Quando já estava deixando a cidade, o diretor do banco o alcançou e disse:

— Você fez bem ao escolher a recompensa ao invés de um butim, rapaz. Espero que continue assim! Estimo que encontre mais motivações para trilhar o bom caminho!

Lerner sorriu, apertou a mão do homem e falou:

— Sinceramente, eu também espero, senhor. Já cometi erros demais nestes três últimos anos e não quero continuar a errar. Vou para algum lugar

onde não me conheçam, onde jamais tenham escutado falar de mim. Talvez, dentro de alguns anos, eu possa voltar.

Com os olhos cheios de lágrimas, entregou oitenta mil dólares para o diretor do banco e disse:

— Ponha este dinheiro na conta de minha irmã... Louise Lerner, de San Francisco. Mas não diga de que maneira eu o ganhei, compreende? Se um dia, eu puder voltar sem que represente alguma espécie de perigo para ela, então eu lhe contarei tudo...

CAPÍTULO PRIMEIRO

San Francisco, janeiro de 1890

Quando Mike McHammer deixou a famosa Agência Pinkerton de Detetives, certamente imaginava que teria casos para resolver quanto os tinha enquanto sob as ordens de James Pinkerton, o terrível filho de Alan Pinkerton, fundador da empresa.

Enganou-se redondamente uma vez que, para seu desespero, depois de seis meses de espera paciente e obstinada, não lhe tinha aparecido um só caso para resolver.

O dinheiro que tinha conseguido ganhar enquanto empregado e que avaramente tinha economizado pensando no dia em que as coisas estivessem mais difíceis, acabara e já faziam dois meses que ele não linha como pagar o aluguel da sala que arrendara para lhe servir de escritório, na Saint Charles Street, em San Francisco.

As coisas estavam indo de mal a pior e Mike começava a pensar seriamente em deixar de lado aquela história de ser detetive particular para voltar a ser um simples vaqueiro, coisa que, na realidade, ele bem gostava de fazer.

— Não! — exclamou, vendo que começava a fraquejar em suas determinações. — Não posso desistir agora! Não é hora de desistências, muito pelo contrário! Tenho que insistir! Pinkerton também começou pequeno e humilde, segundo o que sempre falou!

Mike, porém, estava esquecido de que Pinkerton teve muitas excelentes oportunidades.

Como, por exemplo, a própria guerra civil norte-americana.

Durante a contenda, Alan Pinkerton conseguiu inventar um sistema de informações quanto aos movimentos dos sulistas que favoreceu sobremaneira o trabalho dos nortistas. Com isso, quando a guerra terminou, Pinkerton tinha garantido um bom lugar ao sol no sistema judiciário e de defesa da União.

Assim, seu início não foi, na realidade, tão pequeno e humilde quanto ele sempre apregoou, muito pelo contrário.

Na ocasião, os próprios “Texas Rangers” eram menos importantes do que os homens da Pinkerton, por aí se pode avaliar o quanto eles eram valiosos.

Por todas essas razões, era praticamente impossível alguém fazer sombra ou concorrência a Agência Pinkerton de Detetives.

Quando alguém tinha um problema, algum caso em que a atuação de um detetive fosse necessária, era simplesmente fatal e infalível que a Pinkerton fosse mobilizada.

Dessa maneira, não era de espantar que essa agência, apesar de estar em Chicago, possuísse sucursais espalhadas por todo o país e muitas vezes, em um mesmo estado houvesse três ou quatro agências.

Como era o caso do Novo México, onde Pinkerton estava representado em Albuquerque, Santa Fé e Bernadillo.

Paradoxalmente, em San Francisco, havia apenas uma agência de James.

E isso foi exatamente, o que fez com que Mike mais o entusiasmasse em abrir o seu próprio escritório.

Mas, as coisas não correram exatamente como ele estava prevendo, muito pelo contrário.

Não havia clientes, ele chegava a ser ridicularizado pelos comissários de polícia e duas ou três vezes, por muito pouco não chegara às vias de fato com o seu ex-colega da Pinkerton que, muito sarcástico, costumava dizer em alto e bom som, que valeria mais a pena Mike transformar a sua agência em casamenteira.

No princípio, o rapaz encarou a adversidade com estoicismo, fez economias incríveis para sobreviver.

Lutou contra tudo e contra todos, riu daqueles que riam dele, fez graça com os que o achavam engraçado.

Porém, com o passar das semanas e o minguar de suas reservas econômicas, Mike começou a ficar irritado, nervoso, aborrecido com tudo.

Começava seriamente a pensar em desistir.

— Poderia voltar para o Texas — dizia ele. — Trabalhar como auxiliar de xerife em algum lugar ou até ser vaqueiro outra vez.

Mas não!

Logo reagia, sacudia energicamente a cabeça e falava:

— Não! Não posso desistir! De um momento para o outro, vai aparecer um caso bom que fará o meu nome e a minha fama! E então. Pinkerton que se cuide!

E com um sorriso, acendia o seu cachimbo, dizendo:

— Pinkerton que tome cuidado, pois daqui a muito pouco tempo, vou propor a compra de sua agência!

* * *

Naquela tarde fria de fevereiro, Mike eslava mais desanimado do que nunca.

Tinha recebido um ultimato do seu senhorio.

Ou pagava dentro de uma semana os aluguéis em atraso ou então poderia tratar de procurar um outro lugar para ficar.

E ele sabia muito bem que jamais encontraria outro lugar sem dinheiro nenhum nos bolsos, sem possibilidade de fazer coisa alguma.

Olhou pela milésima vez para o relógio de ouro que tinha sido de seu pai e murmurou:

— É a última lembrança que eu tenho do velho..., mas parece que vou vendê-la. Caso contrário, estarei desabrigado, arruinado!

Já estava se levantando para ir procurar o agiota, que, por cinquenta dólares acabaria ficando com um relógio de mais de quinhentos, quando escutou passos no corredor externo de seu escritório.

Chegou a sorrir.

Ali naquele prédio havia pelo menos mais cinquenta outros profissionais.

Com toda a certeza, era mais um cliente para o advogado Bértrand ou então, para o dentista italiano, Paganotti.

Podia ser, perfeitamente, um paciente do médico mexicano Manuel Suarez que fazia um ano estava trabalhando ali e já tinha conseguido dinheiro suficiente para ter duas famílias normalmente constituídas, uma em San Francisco e a outra em Sacramento.

Ora...

Poderia e deveria ser um cliente para qualquer um dos outros profissionais que ali se encontravam!

Porém, a probabilidade de ser um caso para Mike era mínima!

No entanto, para surpresa sua ouviu os passos que se aproximavam de sua porta.

Parecia mesmo que eles vinham diretamente para aquele canto do corredor onde estava a sua sala.

Tinha dite “estava” pois dentro de alguns dias, não mais poderia falar no presente.

Teria que entregar o imóvel por falta absoluta de condições para ali continuar.

Falta de dinheiro, o pior de todos os males do homem!

Deu de ombros e acabou de se levantar.

Iria, afinal, ao agiota para vender o relógio e assim, ao menos garantir mais uma semana ou duas de permanência no escritório.

Garantir mais uma ou duas semanas de esperanças pois sempre poderia aparecer alguém.

Já estava de pé quando escutou uma voz que perguntava:

— E aqui o escritório do senhor Mike McHammer?

* * *

Mike estava vestindo o sobretudo naquele instante e por isso, estava de costas para a porta de entrada.

Assim, quando escutou falarem seu nome, o primeiro impulso foi de receio pois, no mínimo, podia ser alguém representando o senhorio que, tendo mudado de idéia a respeito do prazo dado para o pagamento dos aluguéis atrasados, resolvera enviar uma procuradora com a missão de despejá-lo o mais depressa possível.

Uma outra razão para que tivesse medo — ou receio, simplesmente — era o fato de que, em matéria de mulheres, Mike não podia dizer de si mesmo, que era um exemplo de fidelidade.

Muito pelo contrário, era acostumado a dizer para três ou quatro ao mesmo tempo, que seus olhos eram apenas de uma delas.

Marcava encontro com uma, esquecia-se, aparecia no local com outra. E isso, quando não marcava com duas ao mesmo tempo, no mesmo lugar e... comparecia!

Isso, evidentemente, sem contar as encrencas homéricas em que já se tinha metido com mulheres, esposas de homens ciumentos e que não admitiam qualquer espécie de divisão.

Aliás, o que é muito natural...

E que a bem dizer a verdade, não incriminaria tanto assim o pobre Mike, que estava ali apenas cumprindo a sua obrigação como homem.

A culpa, nesses casos, era muito mais das mulheres que o queriam, a despeito de terem seus maridos à disposição.

Por causa dessa fama que Mike tinha plena consciência de possuir, ao ouvir aquela voz feminina chamando por seu nome, a princípio ele imaginou tratar-se de uma de suas namoradas traídas ou o que seria ainda pior, uma das mulheres casadas com quem tinha andado e que, desesperada de saudades, tinha decidido cometer a imprudência de vir procurá-lo em seu próprio escritório.

Com o coração aos saltos, virou-se para trás, procurando ver quem estava ali, ao mesmo tempo em que tentava encontrar uma boa maneira de fugir, caso isso viesse a se tornar imprescindível.

Aliviado, percebeu que não conhecia aquela mulher.

E abismado, ele viu que ela era mais bonita do que qualquer outra que já tivesse encontrado pela frente.

Com um sorriso encantador, a moça falou:

— Estou precisando falar com o senhor McHammer.

Por alguns segundos, apesar de seus lábios se moverem. Mike não conseguiu emitir nenhum som.

Finalmente, com um gesto, ele pôde balbuciar:

— Sente-se, minha senhora... Eu sou McHammer.

E já recuperando um pouco da autoconfiança, acrescentou:

— Mike, por favor. Detesto que me chamem pelo sobrenome!

A moça sorriu mais uma vez e estendendo a mão que mais parecia ser a de uma fada, falou:

— Meu nome e Louise Lerner... Louise, simplesmente, já que devo tratá-lo sem muitas formalidades.

Sentou-se, depois de apertar a mão de Mike e disse:

— Estou acabando de chegar da Agência Pinkerton.

Mike não conseguiu evitar uma careta.

— Da Pinkerton? — perguntou, com uma imensa ponta de decepção em sua voz. — Mas o que foi fazer lá?

Os olhos de Louise faiscaram.

Com uma entonação de raiva em sua voz, ela disse:

— Sinceramente, Mike... acho que fui lá apenas para ser insultada! Para servir de divertimento àquele cretino do Tonny Gaspery, o tal que se diz responsável pelo serviço da Pinkerton em toda a Califórnia!

Mike sorriu.

Adorava quando alguém se exasperava com Gaspery, o homem que tinha sido seu colega de trabalho, mas desde que ele abrira o seu próprio escritório, parecia se comprazer pelo fato de Mike não estar tendo clientes.

A moça respirou fundo, apertou um pouco os lábios e disse:

— Aquele cretino teve a petulância de dizer que eu estava ficando louca!

Mike parou de sorrir.

Conhecia Gaspery muito bem e sabia que ele não era homem de falar uma coisa dessas, especialmente se havia possibilidade de obter algum dinheiro para a agência e concomitantemente, para ele próprio.

Se Gaspery tinha dito que ela estava ficando louca, havia uma imensa probabilidade de ele estar cem por cento certo.

— Posso saber por quê ele acha isso? — perguntou o rapaz, um tanto ressabiado, com medo de que a moça se ofendesse.

Muito séria, Louise respondeu:

— Estive com ele em sua sala para contratá-lo ou a Agência Pinkerton, como ele preferisse, para procurar meu irmão.

— Bem — pensou Mike. — Até aqui, não há nada de anormal no que ela pediu... A troco de que Gaspery poderia pensar que ela estivesse doida?

A moça continuou mostrando ainda que estava bastante nervosa e aborrecida:

— Em minha conceituação, é de supor que uma agência de detetives sirva, antes de mais nada. para resolver casos estranhos, misteriosos e até mesmo, aquele que todos possam pensar que é incomum, insolúvel e totalmente extravagante, não é verdade?

Mike concordou com um sinal de cabeça.

O que Louise estava dizendo procedia perfeitamente, não estava errado e nem era nenhuma espécie de absurdo.

No entanto, deveria haver alguma coisa muito estranha, pois Gaspery no era um indivíduo tão inconsequente assim.

Louise respirou fundo e explicou:

— Gaspery disse que eu estava louca quando falei que meu irmão está desaparecido há mais de dez anos e que eu acho que ele está morto.

Novamente irritada, ela falou:

— Não vejo porque estaria louca em querer simplesmente confirmar a morte de uma pessoa ou se ela não tivesse morrido, querer encontrá-la!

Mike foi obrigado a admitir que Gaspery daquela vez tinha extrapolado um pouco. Não era motivo para dizer que a pobre irmã, procurando o irmão ou a sua sepultura, estivesse louca!

Louise prosseguiu;

— Acho que Gaspery não gostou muito quando lhe disse que Steve poderia estar em qualquer lugar do mundo... E que não tinha a menor idéia de onde ele poderia se encontrar neste momento.

Mike sorriu.

Começava a fazer algum sentido o fato de Gaspery ter taxado aquela moça de maluca.

A Pinkerton não suportava casos que estivessem começando sem a menor pista.

Havia uma intensa perda de tempo inicial, o que atrasava o andamento das coisas e segundo o que James dizia, era muito fácil pegar-se uma falsa pista que, além de não levar a lugar nenhum, fazia com que a agência desperdiçasse dinheiro inutilmente.

Pinkerton tinha uma maneira muito esperta de agir.

Quando pegava um caso novo, fazia com que o cliente assumisse a responsabilidade material pelas pistas fornecidas. Assim, se alguma coisa desse errado, ele teria que pagar por isso. ou seja, pagaria por uma segunda vez, de maneira a não onerar os já recheadíssimos bolsos de James.

Coisas de escocês, que fazem com que os descendentes de filhos da terra dos druidas, ficassem com a bem merecida fama de usurários.

Louise disse:

— Pode ser que pareça uma loucura..., mas pata mim, não é! É importante que eu consiga localizar meu irmão, esteja ele, vivo ou morto, para dar a ele ou seus herdeiros a parte da fortuna que lhe cabe.

Mike, se já estava interessado, a partir daquele instante começou a se interessar ainda mais.

Para arriscar em uma tentativa de saber qual o montante da fortuna a que Louise se referia, ele comentou:

—Essa busca pode sair muito cara... conforme for, não compensa.

Rindo, a moça replicou:

— A parte de meu irmão está, hoje em dia, em alguma coisa que beira os dez milhões de dólares... Acho que por mais careiro que você seja, não vai querer cobrar mais do que isso, não é verdade?

CAPÍTULO SEGUNDO

Incidente no Black Bear Pub

Mike engoliu em seco...

Dez milhões de dólares!

Mas era muito dinheiro!

— Você disse esse valor para Gaspery? — perguntou ele.

— Não — respondeu a moça com um sorriso malicioso. — Ele já tinha me irritado com aquele ar de superioridade. Se eu tivesse dito isso, com toda a certeza ele iria se interessar, E naquela altura dos acontecimentos, eu já não mais queria saber de coisa nenhuma de negócio com a Pinkerton. Assim, aproveitei o momento em que ele me disse que eu estava doida para me levantar e mesmo sem me despedir, ir-me embora.

Mike assentiu gravemente com um sinal de cabeça e depois de alguns momentos de angustiante silêncio, ele perguntou:

— E o que quer que eu faça, Louise?

A moça abriu uma bolsa que estava trazendo a tiracolo e disse, com um certo tom de súplica em sua voz:

— Aqui você tem cem mil dólares. Preciso que encontre o meu irmão ou ao menos, me dê notícias dele. Se houver necessidade de mais dinheiro, pode estar certo de que receberá.

E para fazer cair o queixo de Mike definitivamente a moça completou;

— Aqui há outros cem mil... São os seus honorários. Acredito que seja mais do que suficiente, uma vez que não precisará prestar contas do dinheiro que gastar. Ao término do caso, quando me der uma resposta a respeito do paradeiro de meu irmão, você receberá mais oitocentos mil dólares, a título de gratificação.

Por um momento, Mike achou que ia desmaiar.

Quando ele poderia imaginar que receberia tanto dinheiro assim?

Já estava abrindo o mais feliz de todos os sorrisos do mundo, quando Louise falou:

— Há, porém, duas condições...

O sorriso morreu nos lábios de Mike.

Estava bom demais para ser verdade.

Era claro...

Teria que haver um porem ou na realidade, dois poréns!

Percebendo que o rapaz se decepcionara, Louise sorriu e disse:

— Não fique assim! Tenho a certeza de que as condições não são impossíveis e no fundo, você só terá a lucrar com elas!

Já um pouco mais animado, Mike perguntou:

— E quais são elas? Terei que trazer a lua até você?

— Não se trata disso, tolinho — riu a moça. — É muito mais simples do que está imaginando.

E com um sorriso angelical, ela explicou:

— Eu quero estar junto... acompanhar passo a passo toda a investigação!

Fazendo uma expressão compungida, ela murmurou:

— Afinal de contas, estou pagando bem o suficiente para saber com exatidão onde vai o meu dinheiro, não acha?

Mike não tinha o que contestar.

Era mais do que evidente que uma pessoa que estivesse disposta a gastar um milhão de dólares com alguma coisa assim, estivesse muito interessada em saber de que maneira esse dinheiro era empregado ou quando muito, como estaria sendo roubada.

Por alguns instantes, Mike ficou olhando para a moça, ainda sem acreditar no que tinha escutado.

Sim...

No que estava vendo pois, ali, diante de seus olhos sobre a mesa, havia já uma pequena fortuna.

Com um sorriso cativante, a moça perguntou:

— E então, Mike? Vai aceitar o caso ou como Gaspery dirá que eu estou maluca?

Mike sorriu.

— Não, Louise — fez ele. — Não direi que está maluca... E isso porque nem sei se sou eu quem está completamente louco!

Olhando fixamente para Louise, ele perguntou:

— Não acha que está oferecendo muito dinheiro por um caso que pode ser muitíssimo simples de resolver?

Antes que Louise pudesse dizer qualquer coisa, Mike explicou:

— Se seu irmão estiver morto e enterrado em algum lugar, acho que não será muito difícil de descobrir... Já se ele estiver vivo e por alguma razão prefere se manter escondido, não acha que poderá ser um tanto perigoso?

Louise ficou calada por alguns momentos, como se tivesse receio de responder à pergunta que Mike lhe tinha feito.

É claro que tal atitude não passou desapercebida pelo detetive.

Principalmente pelo fato de não ser atoa que ele tinha a fama de ser o detetive mais competente que já tinha passado pelos quadros de funcionários da Pinkerton.

— Você parece estranha — disse ele. — O que há por trás dessa história toda? Não me parece que o seu interesse em descobrir o seu irmão se limite a uma questão de lealdade e de honesta fraternidade em relação a ele!

Os olhos de Louise brilharam.

Mike não pôde deixar de observar que quando ficava nervosa, ela se tornava ainda mais bonita do que já era.

— Creio que vou fazer você ficar brava o tempo todo, Louise — disse ele. — Você fica simplesmente linda quando está com raiva!

Um sorriso iluminou o rosto da moça e ela perguntou:

— Quer dizer que você está aceitando o caso, não é mesmo? Concorda com as minhas condições?

Mike sacudiu negativamente a cabeça e ponderou:

— Você só falou a primeira condição... Não sei qual é a segunda.

Louise olhou intensamente para o detetive e disse em um sopro, como se lhe fosse um alívio dizer o que estava querendo:

— Quero ter sempre a última palavra. As decisões finais a respeito de qualquer coisa serão minhas. Eu direi o que se deve fazer, está certo?

Mike não respondeu.

Imediatamente, a moça completou:

— Fique sossegado que eu jamais o mandaria tomar uma decisão ou um rumo que fosse contra a lei!

Mike sorriu e disse:

— Isto está a cada instante mais interessante e misterioso... Vai ser engraçado trabalhar com alguém que me mande agir desta ou daquela

maneira. Aliás, acho que não vamos chegar a lugar nenhum a não ser em uma maneira simples de gastar duzentos mil dólares!

Louise estava abrindo a boca para dizer alguma coisa, mas Mike a impediu de continuar dizendo:

— Preste bem atenção, mocinha... Esta idéia de me acompanhar nas investigações ainda passa. Pode ser que uma ou outra vez, eu a obrigue a ficar bem longe do palco de operações, está certo?

Sem deixar que Louise dissesse sua opinião, Mike continuou:

— Não concordo com essa sua outra exigência. Poderei participar-lhe as minhas decisões e até ouvir uma ou outra sugestão. Mas a palavra final terá que ser minha.

Com um sorriso frio como o gelo, ele encerrou:

— Mesmo que a palavra final seja a de que vou entregar seu irmão às autoridades... E será o que vai acontecer se eu descobrir que ele é um criminoso procurado!

Louise ficou em silêncio por alguns momentos.

Depois, com os olhos súplices, muito líquidos, ela falou:

— Pois é esse mesmo o meu medo... Pela quantidade de dinheiro que ele me enviou nos primeiros cinco anos depois que se separou de mim, imagino que ele tenha achado alguma profissão não muito ortodoxa. Sei da história do jogo, mas, não é possível um jogador profissional ganhar tanto assim! Por isso. tenho medo de que você. ao encontrá-lo, queira entregá-lo às autoridades.

Soluçou por alguns instantes e Mike, solícito, ofereceu-lhe seu lenço para que enxugasse os olhos.

— Creio que não tenho outra escolha, não é mesmo? — perguntou ela.

— Não tem — respondeu Mike. — Se quiser que eu trabalhe para você, terá que ser do meu jeito.

A moça fez um sinal afirmativo com a cabeça, empurrou os dois grandes maços de dinheiro para Mike e disse:

— Está certo. Tem a minha palavra de que não terá quaisquer queixas de mim!

Levantando-se, ela acrescentou:

— Estou com frio e fome... Não quer me convidar para comer em algum lugar?

Mike teve que se segurar para não dizer a ela o que poderiam fazer e onde, para se aquecerem...

* * *

O Black Bear Pub era uma espécie de bar onde, além de um bom uísque, podia-se comer alguma coisa ligeira, a título de aperitivo.

Era um dos lugares mais caros e sofisticados de San Francisco, mas, em compensação, era um dos poucos locais onde se poderia ir acompanhado de uma mulher bonita sem qualquer problema.

Assim, foi para lá que Mike resolveu levar Louise e as coisas teriam sido muitíssimo agradáveis se naquele fim de tarde, Gaspery não tivesse, ele também, resolvido ir para lá.

Mike McHammer percebeu que as coisas iriam azedar quando, logo à sua chegada, viu o antipático Gaspery sentado a uma das mesas, olhando cheio de curiosidade para o seu lado.

— Mas que surpresa! — exclamou o detetive da Pinkerton. — Com que então, estamos cheios de dinheiro para gastar!

E antes que Mike pudesse dizer qualquer coisa, Gaspery completou:

— O que é bem estranho quando se tem um escritório que está permanentemente às moscas!

Mike sentiu que ó sangue lhe fugia das faces.

Aquele canalha não deveria jamais ter falado aquilo!

Como se não estivesse satisfeito com o que já tinha dito, Gaspery continuou:

— Vejo que aceitou o caso dessa doidivanas... É isso que está lhe trazendo a possibilidade de gastar aqui!

Não havia mais como suportar.

Mike sabia muito bem que não seria bom para a sua carreira de detetive, arrumar um atrito sério com a Pinkerton.

Porém, não havia o menor cabimento em suportar aquele tipo de desaforo.

Iria acontecer um incidente ali no Black Bear Pub e dos mais sérios.

CAPÍTULO TERCEIRO

A vingança de Gaspery

Louise olhou preocupada para Mike.

Ela também estava pressentindo que as coisas não iriam correr bem por ali, a partir daquele instante.

— Por favor, Mike — pediu ela. — Não dê importância! Tenho certeza de que Gaspery está apenas com ciúmes e inveja.

Ouvindo o que a moça dizia, Gaspery fechou a cara.

— Ciúmes? — perguntou ele, com desprezo. — Inveja? Eu!

E com um erguer de ombros, acrescentou:

— Ora! Eu não preciso prometer o impossível para sair com uma garota igual a você! Basta que eu vá a qualquer bordel da zona portuária para ter coisa muito melhor!

Era demais.

Mike sentiu que Louise, que estava com a mão enfiada em seu braço, tremeu de raiva.

Ele mesmo, sentiu o ódio subir de dentro de seu peito e tomar conta de todo o seu ser.

Não havia mais escapatória, como segurar.

Soltando o braço de Louise, Mike avançou para Gaspery e o esbofeteou.

— Peça desculpas, canalha! — urrou ele.

— Peça desculpas à senhorita Lerner ou eu o transformarei cm um monte de ossos quebrados!

Gaspery, porém, não estava com a menor vontade de pedir desculpas de coisa nenhuma.

Fechando com força os punhos, ele rosnou:

— Ora. seu cretino! Vou ensiná-lo a esbofe tear um homem!

E como um touro enfurecido, avançou para cima de Mike.

Louise não conseguiu conter o grito.

Gaspery era um indivíduo grande.

Teria quase a mesma altura de Mike. mas, em contrapartida, era muito mais volumoso e sua fisionomia deixava supor que em sua alma imperava a maldade.

Sim, há pessoas que mostram pela simples expressão do rosto as suas tendências de personalidade.

São os exemplos vivos das teorias de inter-relação entre ocupação e fisionomia de Cesar Lombroso, o eminente legista italiano, que defendia uma tese segundo a qual o homem mostra pelos traços do rosto aquilo que faz para ganhar a vida.

Gaspery rodou o punho direito acima da cabeça, como se fosse uma autêntica marreta de presidiário.

Mike sorriu.

Viu o desespero de Louise, sentiu-se sensibilizado ao perceber que a moça estava preocupada com ele.

Esperou até o último momento e quando todos os que estavam no pub tinham a certeza de que seu rosto iria se transformar em uma irrecuperável massa de ossos quebrados e de carne ensanguentada, ele se desviou.

Gaspery não conseguiu esconder a surpresa e a decepção ao perceber que socava inutilmente o ar.

Completamente desequilibrado, o homem foi obrigado a dar um passo para a frente para não se estatelar no chão e foi nesse momento que Mike agiu.

Com uma agilidade felina, deu uma cotovelada no ombro de Gaspery. ajudando-o a perder o equilíbrio.

Ao mesmo tempo, sua mão esquerda se enfiava como um aríete contra o estômago, empurrando-o até quase fazê-lo se achatar contra a coluna vertebral.

O agente da Pinkerton soltou de uma só vez todo o ar que tinha nos pulmões e ergueu o tronco em uma tentativa de respirar.

Mike não perdeu a oportunidade.

Com a esquerda, deu-lhe um bem aplicado soco na ponta do queixo, fazendo-o cair para trás, já desmaiado, tentando contar quantas estrelas giravam ao redor de sua cabeça.

Olhando para o homem esticado a seus pés. Mike falou:

— Sinto muito, Louise..., mas tenho a impressão de que este canalha vai demorar algumas horas antes de lhe pedir perdão.

Aferrando-se ao braço de Mike, Louise falou:

— Vamos embora, Mike! Pelo amor de Deus. vamos sair daqui!

E já a caminho da porta, quase que arrastando o detetive atrás de si, a moça completou:

— Vamos para a minha casa, Mike... tenho algumas boas bebidas lá e creio que em matéria de ambiente nós estaremos muito melhor!

E olhando para trás como se estivesse com medo de que Gaspery se levantasse e começasse a correr atrás deles, ela disse:

— Acho que ainda temos algumas coisas para conversar... Precisamos estar em um lugar tranquilo, onde não sejamos interrompidos e tenhamos segurança!

* * *

Gaspery voltou a si cerca de quinze minutos mais tarde, às custas de alguns copos de água que lhe foram jogados na cara.

Sacudiu a cabeça, sentiu a dor das pancadas recebidas e muito mais do que a dor física, a dor moral, a vergonha e a humilhação de ter sido batido assim, na frente de todos.

Não, aquilo não ficaria daquela maneira!

Um tanto cambaleante, tomou duas grandes doses de conhaque e a despeito do frio que estava fazendo do lado de fora do pub, ele se encaminhou a pé para a zona portuária da cidade, cerca de uma milha a oeste e para baixo, no final da Lincoln Avenue, ao lado da Golden Gate.

— Bandido! — resmungou ele. — Conseguiu me apanhar desprevenido!

Alisando com a mão o queixo ainda dolorido pela pancada, ele falou:

— Mas você não perde por esperar, Mike McHammer! Vai se arrepender amargamente do que me fez! Pode ter certeza disso!

Depois de andar aproximadamente duzentas jardas, já um pouco mais senhor de si mesmo, Gaspery pensou:

— Há alguma coisa estranha nessa história... Mike não é um indivíduo de se aproveitar de situações. Se ele aceitou esse caso é porque viu alguma possibilidade nele!

Efetivamente, era algo em que se tinha que pensar.

Gaspery tinha chegado a trabalhar com Mike em diversos casos e podia dizer que conhecia muito bem os métodos de trabalho do ex-colega.

Sabia, por exemplo, que ele jamais aceitaria um caso que fosse absolutamente perdido, que não tivesse a menor chance de trazer algum resultado positivo.

Ora, se ele estava com a moça, isto significava que ali havia alguma coisa.

Por outro lado, ele mesmo, Gaspery, depois que Louise tinha saído de seu escritório, tinha se dado ao trabalho de verificar quem era aquela maluca.

E assim, ficara sabendo que se tratava de uma das pessoas mais ricas de toda a Califórnia!

Fez uma careta.

Sim. ele tinha cometido um erro.

Um terrível erro que precisava com urgência ser corrigido!

E isso, sem contar com o fato de que precisaria, por uma questão de amor próprio, ir a forra com aquele canalha do Mike!

Não. não poderia deixar sem castigo a humilhação que ele o fizera passar!

— Já quase totalmente refeito — o frio é um dos grandes remédios para as dores de uma surra — Gaspery entrou naquele pedaço da cidade que era evitado até mesmo pelos comissários de polícia.

A zona portuária, o bas-fond de San Francisco, era o que se poderia chamar de sucursal do inferno.

Era ali, que ele pretendia encontrar os dois indivíduos que estava precisando para a sua vingança.

Uma vingança, que, para ele, além do sabor inerente a qualquer vingança, teria a vantagem de lhe trazer lucro.

Muito lucro!

Pelo que podia saber, para uma pessoa que tivesse a fortuna de Louise Lerner, alguns milhões de dólares não significariam coisa nenhuma!

CAPÍTULO QUARTO

Interesse meramente profissional

Durante os poucos minutos que estiveram no Black Bear Pub, Mike e Louise tiveram que se preocupar para prestarem atenção às pessoas que ali estavam presentes.

Por isso mesmo, não viram que duas mesas mais à esquerda, estava um indivíduo muitíssimo conhecido em San Francisco, um senhor de cabelos já grisalhos, chamado Percival Madeson, o editor-chefe do jornal "San Francisco New".

Repórter por excelência, profissional com um faro jornalístico dos mais aguçados, da briga entre Mike e Gaspery ele logo pôde concluir que ali havia, bem escondida, matéria para uma excelente reportagem.

Sem perda de tempo, deixou o pub e se dirigiu para a redação do jornal, na esperança de encontrar algum de seus repórteres, de maneira a poder montar e lançar já na edição da manhã seguinte alguma coisa nesse sentido.

Porém, ele estava com azar.

Não havia mais ninguém na redação a não ser aquela jovem. que. graças à influência de seu pai, um rico comerciante do porto, estava tentando aprender jornalismo, contrariando tudo o que se falava então a respeito do trabalho das mulheres.

Nancy Clavell estava mostrando que uma moça, mesmo com pouco mais de vinte anos de idade, ora perfeitamente capaz de ser uma profissional responsável e competente.

Mostrando mais uma vez que ela tinha jeito para aquela atividade, ao ver o chefe fora de hora ali na redação, Nancy imediatamente desconfiou que havia alguma coisa por trás de sua presença extemporânea.

— Houve algo, chefe? — perguntou a moça. — Algum "furo" jornalístico que mereça uma edição extra?

Percival olhou para a moça.

Pessoalmente, gostava muito dela.

Era bonita, desejável, delicada e inteligente...

Além disso, conhecia muitíssimo bem a língua, escrevia de uma maneira agradável e objetiva.

Sim, não havia dúvida de que ela, se fosse homem, poderia ser um excelente repórter.

Se fosse homem...

Percival sorriu de si mesmo, de seus preconceitos, de suas ideias retrógradas.

Nancy não era homem, muito pelo contrário, mas, no entanto, era perfeitamente capaz de fazer o trabalho de um repórter muito melhor do que qualquer dos jornalistas do sexo masculino que ele tivesse ali.

De mais a mais, ela era sempre a última a sair da redação, onde ficava após o expediente fuçando os arquivos do jornal para aprender sempre alguma coisa a mais.

E naquela hora era ela quem estava ali para mostrar a Percival que, em matéria de interesse profissional, ela batia longe em qualquer homem!

Sim... Seria uma boa lição para os vagabundos que trabalhavam para ele e que tinham certeza de jamais poderem ser desbancados!

Com um sorriso, Percival disse:

— Tenho uma reportagem, mocinha... Uma boa reportagem para você!

E fazendo Nancy se aproximar um pouco mais, deu-lhe um beijo na testa e falou:

Você terá hoje a compensação do seu esforço para mostrar do que é capaz!

Mostrou-lhe uma escrivaninha e ordenou:

— Sente-se! Vou ensinar a você como se faz uma reportagem, sem contar mentiras e de maneira a fazer com que qualquer um dos outros repórteres lhe tirem o chapéu!

* * *

Enquanto Nancy, maravilhada e feliz como nunca, montava a sua reportagem com a ajuda de Percival, Gaspery acabava de combinar com dois conhecidos bandidos de San Francisco o que ele atentava contra Mike McHammer.

— Não o matem — falou Gaspery para os dois. — Eu ainda preciso dele!

O que era bem verdade.

Gaspery sabia que se estivesse com a esperança de ganhar alguma coisa do caso Louise Lerner, tinha que contar com Mike ainda vivo.

Sabia perfeitamente que a moça não diria nada a ninguém além de Mike e muito menos a ele, com quem tinha se atritado logo no primeiro encontro e para cúmulo, havia agravado o relacionamento depois, no pub, por uma bobagem sua.

— Deem-lhe uma boa surra — disse Gaspery. — Quebrem-lhe os dentes para que se lembre do que me fez. Podem ficar com todo o dinheiro que encontrarem em seus bolsos ou em sua casa...

Guss e Hammond sorriram.

Aquele era o tipo do trabalho que eles iriam gostar de fazer.

Em primeiro lugar, pelo dinheiro, pois eles desconfiavam que poderiam embolsar algumas centenas de dólares dos bolsos de Mike.

Em segundo, por que estavam tendo a oportunidade de se vingarem do ex-agente da Pinkerton que, tempos atrás, tinha feito com que passassem alguns meses na cadeia.

E em terceiro lugar, porque estariam fazendo um favor um tanto quanto heterodoxo para Gaspery, detetive da Pinkerton e, portanto, homem importante no meio policial de Frisco. Sempre era muito interessante e útil manter uma pessoa assim debaixo das mãos.

Afinal, nunca se sabe quando se vai precisar de um favorecimento junto à lei.

Gaspery viu Guss e Hammond deixarem o sórdido bar em que os tinha encontrado, rumo à casa de Mike McHammer.

Sorriu consigo mesmo e pensou:

— Muito bem... Dentre de algumas horas, Mike vai ver o quanto é bom bater nos outros! Depois que tiver tido uma conversinha com esses dois, eu duvido muito que consiga andar dentro de um prazo mínimo de quinze dias!

* * *

— A história toda é essa — falou Louise. — Em resumo, Steve, o meu irmão, enviou para mim uma quantidade fabulosa de dinheiro. Tive a sorte

de conhecer quem me ajudasse a investir essa fortuna em companhias sólidas, em terras na região do Wyoming e em imóveis. Consegui multiplicar muitas e muitas vezes o dinheiro que meu irmão me enviou. Ora, eu acho que é mais do que justo que eu lhe dê ao menos uma parte dessa fortuna, ou, no mínimo, que o ajude a se livrar de alguma encrenca em que tenha se metido, compreende?

Mike fez um sinal afirmativo com a cabeça, tomou mais um gole de uísque e murmurou:

— O diabo é que se ele estiver do outro lado, ou seja, contra a lei, eu serei obrigado a entregá-lo à justiça!

E olhando friamente para Louise, Mike completou:

— Isso é uma questão de profissionalismo, compreende? Eu jamais me sentiria bem se agisse de outra maneira.

Muito séria, Louise falou:

— Compreendo, Mike. E não o censuro por pensar assim. Só que eu tenho medo...

Mike sabia muito bem do que ela tinha medo.

Era muito provável que Steve, se tivesse alguma dívida para com a sociedade, não se deixasse prender assim tão facilmente.

Mike se levantou, sorriu para Louise e disse:

— Já é tarde, Louise. Amanhã nós nos encontraremos outra vez à noite para que eu lhe possa prestar contas do início das investigações. Acho que poderei ter algumas respostas depois que tiver enviado alguns telegramas.

Louise sorriu, aproximou-se de Mike e dando-lhe dois beijos nas faces, murmurou:

— Até amanhã, Mike. Só que eu irei buscá-lo em casa logo pela manhã... Não se esqueça que eu quero estar acompanhando todos os passos de seu trabalho!

CAPÍTULO QUINTO

Um encontro no meio da bruma

Não é sem razão que San Francisco é considerada uma das mais bonitas cidades dos Estados Unidos.

De fato, a sua localização, a conformação topográfica com subidas e descidas abruptas, a nítida divisão entre a cidade alta e a cidade baixa, entre o norte e o sul, fazem com que seja muito difícil encontrar uma outra cidade que consiga superar essas belezas naturais tão bem exploradas pelos arquitetos e urbanistas que por lá têm andado.

Da mesma maneira, porém, não é à toa que certos escritores — Maughan é um deles e Greene é outro — comparam Frisco a Londres.

Há, de fato, alguns pontos de semelhança entre as duas cidades.

Semelhanças que a bem dizer, não se podem categorizar como vantagens, pois não é elogie nenhum dizer-se que o índice de criminalidade de San Francisco é idêntico ao de Londres, nem é lucro de espécie alguma afirmar-se corretamente que a quantidade de desempregados que perambulam pelas ruas de Frisco é mais ou menos o mesmo que na velha e mofada Albyon.

Tampouco é elogioso dizer que o clima de San Francisco no inverno guarda muitos pontos de semelhança com o da capital britânica.

É sem dúvida nenhuma, este ponto de semelhança o pior deles.

A partir do meio do inverno, quando a noite cai, junto com ela vem uma espessa e úmida bruma que, envolvendo a cidade, muitas vezes faz com que não se consiga enxergar um palmo diante do próprio nariz.

É claro que essa bruma é diferente do fogg londrino, uma vez que lá ele é devido a uma mistura de neblina, ou seja, vapor de água, e fumaça de carvão e em San Francisco, a bruma e constituída apenas pela cerração, sem qualquer fumaça de permeio.

Mas com ou sem fumaça, em Frisco, acontece a neblina e assim, andar à noite, durante o inverno, acaba por ser uma verdadeira aventura.

Mesmo porque, milagrosamente, certos olhos conseguem enxergar através dessa cortina acinzentada: exatamente os dos ladrões e malfeitores que ficam à espreita, nas esquinas, daqueles que se arriscam a um passeio no meio da neblina.

Mike, deixando a residência de Louise, depois de ter recomendado cheio de preocupação que cia se mantivesse bem trancada ali dentro, rumou para a sua casa, um pequeno e aconchegante chalé na região leste da cidade alta, a não mais Ho que uma milha de distância da casa da moça.

Fez uma careta, andando devagar, quase que as apalpadelas, já que não conseguia enxergar grande coisa por causa da neblina.

Teve até mesmo uma certa dificuldade para encontrar o seu caminho, tão enevoada estava a paisagem.

— Droga! — exclamou ele, depois de quase bater em uma caixa de coleta de lixo. — Só mesmo nesta cidade maldita há esse tipo de cerração!

A neblina, porém, não estava atrapalhando apenas Mike McHammer.

Também Guss e Hammond, que o estavam esperando em uma esquina a menos de cinquenta jardas de sua casa, estavam se vendo perturbados com aquela neblina que estava cobrindo a cidade.

— Não sei como vamos enxergar quando esse maldito Mike estiver se aproximando — falou Hammond, preocupado.

Guss anuiu com a cabeça e murmurou:

— Acho que o melhor é esperarmos por ele no jardim de sua casa. Assim, não poderemos cometer qualquer espécie de erro!

Com uma risada nervosa, ele explicou:

— Seria um verdadeiro desastre se nós, por não enxergarmos um palmo diante de nossa cara déssemos 'ima surra em algum conhecido. Ou o que não é difícil, nós nos atacássemos mutuamente!

Hammond resmungou alguma coisa em concordância e Guss falou:

— Não gosto desses trabalhos no meio da bruma... Nunca sabemos se alguém nos está vigiando!

Já perto de dez horas da noite, como a cerração estivesse a cada instante pior, eles decidiram que o menos perigoso seria entrarem na casa de Mike e esperá-lo lá. Pelo menos, não teriam mais problema nenhum com a maldita neblina.

Não tiveram qualquer dificuldade; em abrir uma das janelas da parte de baixo da residência e depois de entrarem, tornarem a fechar cuidadosamente

a vidraça de maneira a impedir que aquela maldita bruma invadisse o bangalô, fazendo com que a situação piorasse ainda mais.

Pontualmente à meia-noite, Mike chegou.

Vinha alegre, entusiasmado novamente com a vida, depois que tinha a certeza de poder contar com dinheiro suficiente para passar muito tempo esperando o próximo caso.

Esta era a desculpa que ele se dava para a sensação de leveza que estava sentindo.

Porém, em seu íntimo, sabia que a felicidade que lhe ia pela alma era causada por uma outra razão.

Sim...

Ele ainda sentia no rosto os dois beijos que tinha recebido de louise.

Talvez Mike já tivesse sido beijado um milhão de vezes.

Porém, aqueles dois beijinhos, tão ingênuos, inocentes e fraternais estavam carregados de uma tamanha sensualidade que ele jamais haveria de se esquecer.

Louise não precisaria dar para ele um só dólar!

Não!

Bastava que ela o beijasse mais vezes!

Mike McHammer estava pensando exatamente nisso quando meteu a chave no buraco da fechadura para abrir a porta de sua casa.

Sim, ele estava distraído.

Estava com o pensamento a uma milha dali, ainda vivendo os agradáveis momentos ao lado de Louise, vendo o seu rosto bonito, as suas curvas sensuais.

Porém, por mais ausente que ele estivesse, por mais distraído que se encontrasse, Mike McHammer não deixava de ser um excelente profissional, um homem treinado e com reflexos muito mais do que condicionados, sempre pronto para se defender ou defender os outros.

E naquele instante, ele escutou alguma coisa...

Ora, ele sabia que não havia ninguém dentro de sua casa.

Nem mesmo um gato!

No entanto, no preciso momento em que metera a chave no buraco da fechadura, escutara alguma coisa que pareceu para ele o estalar de dedos, uma manifestação típica de nervosismo.

— Há alguém aí dentro — pensou ele. — Quem será, a esta hora e o que diabos poderá estar querendo?

Raciocinando depressa, manteve a porta trancada e o mais silenciosamente que podia, caminhou pelo lado da casa até a porta dos fundos, à entrada da cozinha.

Com todo o cuidado, ergueu a tampa externa da adega, uma espécie de porão que servia também como abrigo contra furacões e desceu por ali.

Sabia perfeitamente bem que não conseguiria entrar na casa pela adega uma vez que ela permanecia trancada por dentro da sala, mas, a sua esperança era a de que aquele que estivesse ali dentro de sua casa, ao perceber que, apesar de haver mexido na fechadura, ninguém entrava, fosse verificar.

E no instante em que isso acontecesse...

Não teve que esperar por muito tempo.

A porta da cozinha se abriu e ele pôde ver, recortados contra a iluminação esmaecida da rua por causa da neblina, o vulto de dois homens.

Sorriu.

Saltando para fora do abrigo, ele perguntou:

— O que estavam fazendo dentro de minha casa?

Guss e Hammond levaram um susto enorme.

Sem lembrar que tinham combinado com Gaspery que não matariam Mike. os dois se voltaram na direção da voz, já empunhando os seus revólveres.

Naquele instante, porém, a neblina ajudou Mike.

Ele estava a favor da luz.

Podia ver a silhueta dos dois bandidos perfeitamente, mas estes não.

Guss e Hammond se desesperaram.

Mike percebeu que eles iriam atirar e muito rápido, tratou de se espichar no chão, ao mesmo tempo que sacava seus dois revólveres e disparava.

* * *

Mais uma vez, Mike McHammer mostrou que não era à-toa que ele tinha adquirido tanta fama quando estivera trabalhando para Pinkerton.

De fato, a precisão e a velocidade, de seus tiros era algo assim, inigualável.

Muitas e muitas vezes, o próprio Pinkerton tinha tecido rasgados elogios à habilidade de Mike com as armas.

Os dois bandidos receberam as balas em plena testa, foram catapultados para trás como se tivessem recebido um coice de mula e caíram ao chão já mortos, muito antes de terem conseguido compreender o que tinha acontecido.

Mike se levantou, permaneceu imóvel, encostado à parede de sua casa por alguns momentos, de maneira a se certificar de que não haveria mais ninguém disposto a lhe fazer uma surpresa.

— Parece que este caso está começando a ficar emocionante — murmurou ele. — Emocionante e perigoso!

Rapidamente, à luz de um candeeiro, revistou os cadáveres e encontrou no bolso de Guss, um pedaço de papel com o seu nome e o endereço escritos.

Sorriu.

Sim, ele conhecia muito bem aquela caligrafia!

Afinal de contas, tinha trabalhado junto com Gaspery durante bastante tempo!

— Ele não perde por esperar — falou Mike.

Correu para a parte dos fundos de sua casa e mais do que depressa, atrelou seu cavalo à charrete que tinha guardada nos fundos, em uma espécie de estrebaria.

Em seguida, colocando os dois cadáveres no veículo, rumou para a residência de Gaspery.

— Ele terá uma surpresa quando acordar pela manhã e encontrar os dois homens que mandou me matar já em sua casa... — falou Mike com um sorriso.

CAPÍTULO SEXTO

Uma notícia fora de hora

Uma das mais importantes características de Mike era que nada conseguia tirar o seu sono ou seu apetite.

Ele poderia estar enfrentando os piores problemas do mundo e nem por causa disso deixava de dormir bem e de comer como um abade em cada refeição.

Naquela noite, porém, ele custou a dormir.

Rolou na cama de um lado para o outro sempre inquieto, achando que o seu colchão — de plumas de ganso que o acompanhava havia já muito tempo — estava lutando contra ele, impedindo-o de conciliar o sono.

Mas ele sabia muito bem que era apenas uma desculpa.

Assim como era desculpa, também, ele querer se convencer que tinha ficado excitado com os dois homens que tinham tentado matá-lo e que ele levara, já em forma de cadáveres, de presente para Gaspery. Mike sabia qual a razão daquela insônia.

E a cada vez que pensava em Louise, dormindo a pelo menos uma milha de distância ali de sua casa, ele sentia uma pontada no estômago e percebia que o seu coração batia mais depressa.

Era verdade...

Aquela moça tinha conseguido impressioná-lo e muito!

Bonita, mostrara ser inteligente, dona de uma sensibilidade fora do normal e...

Ainda sentia nas faces o contato de seus lábios naqueles dois beijinhos que tinha recebido.

Conseguiu adormecer já quando o dia estava raiando, cansado como se tivesse trabalhado nas docas durante uma tarde inteira.

Dormiu e sonhou...

Sonhou que estava em uma pradaria muito verde, bonita, cheia de gado.

Ao seu lado, vestida com roupas de montaria, estava Louise Lerner, olhando para ele com aquele seu sorriso angelical, cheio de pureza e ao mesmo tempo, capaz de despertar os mais terríveis instintos em sua alma.

Em seu sonho, ele se deitou para trás, encostou a cabeça na relva ainda úmida do orvalho da noite e disse:

— Sou feliz! Não poderia ser mais feliz!

Olhou para Louise que, debruçando-se sobre ele, depositou-lhe um beijo na testa, dizendo com voz mansa o seu nome:

— Mike... Mike...

Os olhos fechados, Mike McHammer sentiu que os lábios de Louise desciam para o seu nariz e depois, para a sua boca.

Com a ponta da língua, ela lhe fez cócegas nos lábios e disse, novamente:

— Mike... Mike...

De repente, ele acordou.

Sentou-se de súbito na cama e viu, sorrindo ao seu lado, o rosto bonito de Louise.

Beliscou-se.

Sentiu a dor do beliscão e ouviu a risada cristalina da moça, que lhe perguntou, divertida:

— Achou que estava sonhando, Mike?

Enlaçou-o com seus braços e beijando-o de leve sobre os lábios, ela falou:

— Você estava dormindo tão bonitinho... Não pude resistir.

Mike. a custo, conseguiu rir e retrucou:

— Nesse caso. vou dormir outra vez... Quem sabe se você...

Louise se ergueu da cama onde estava sentada e mostrando para o rapaz um jornal, falou:

— Vim procurá-lo porque acho que as coisas vão se precipitar, Mike. Consegui entrar em sua casa porque você deixou a porta da cozinha aberta.

Mike apanhou o jornal, lembrando-se que, de fato, tinha esquecido aberta a porta dos fundos.

— Tive sorte — pensou, enquanto esfregava melhor os olhos, para poder ler o matutino. — Da mesma maneira que foi Louise a entrar aqui, poderia ler sido qualquer um que estivesse de conluio com Gaspery!

Viu, cheio de enlevo, que Louise rumava para a cozinha dizendo que ia preparar um desjejum e levantando-se de uma vez, abriu o jornal para ler o que tinha chamado a atenção da moça.

A notícia estava na primeira página do “San Francisco News”!

Sem conseguir disfarçar a preocupação, Mike leu:

MILIONÁRIA DE SAN FRANCISCO CONTRATA DETETIVE PARTICULAR!

Logo abaixo, em letras grandes, dando destaque à matéria, havia um subtítulo:

DETETIVE DA PINKERTON DISPUTA CLIENTE AOS MURROS COM EX-COLEGA!

— Isto não é bom — disse Mike, contrariado. — Nada que chame a atenção do público para o seu nome. é interessante!

Louise, servindo a mesa para o desjejum, falou:

— É verdade... E o pior é que a repórter, Nancy Clavell, é minha amiga. Ela está a caminho daqui para fazer uma entrevista conosco!

Erguendo os ombros e com expressão de quem pede desculpas, a moça acrescentou:

— Não pude recusar, Mike. Nancy e eu sempre nos demos muito bem e essa reportagem pode ser importante para a sua carreira, que você pode bem imaginar o quanto tem sido difícil cm um país onde apenas os homens é que têm valor!

CAPÍTULO SÉTIMO

Um homem misterioso

Não foi possível esconder de Nancy as verdadeiras intenções de Louise no que dizia respeito às causas da contratação de Mike e tampouco, não se relacionava com os seus temores a respeito do irmão.

Nancy. muito hábil, insistente e persistente, conseguiu fazer com que os dois dissessem até mesmo o que não queriam de maneira nenhuma e que tinham combinado entre si não comentarem com a repórter.

Mas Nancy era um jornalista com “I” maiúsculo.

Muito habilmente, conduziu a entrevista da maneira que bem quis e quando a matéria saiu publicada, no dia seguinte, os dois jovens chegaram a ficar surpresos com a quantidade de coisas que tinham falado.

Louise, ainda metida dentro de uma das camisas de Mike, que lhe servira de camisola por alguns poucos momentos durante a noite, uma vez que ela não mais tinha voltado para sua própria casa, alegando que estava preocupada com a possibilidade de Mike começar as investigações sem ela, mostrou o jornal para o rapaz e falou:

— Segundo o que diz Nancy, nós vamos nos casar dentro de muito pouco tempo, Mike!

Com enlevo, Mike recordou os bons momentos que ele e Louise tinham vivido durante a noite e disse, simplesmente:

— Depois desta noite, nós já estamos casados, querida... Falta apenas oficializar e isso, eu faço questão de fazer assim que tivermos terminado de resolver esse assunto de seu irmão!

Com expressão preocupada. Louise indagou:

— Será que essa reportagem da Nancy poderá prejudicar o andamento das investigações?

— Não sei, Louise — falou Mike. — Só poderemos ter certeza depois que começarmos efetivamente a procurar por Steve.

Nesse momento, a sineta da porta tocou e através de uma fresta da janela, Louise pôde ver que era Nancy Clavell que vinha chegando.

— Tenho uma surpresa para vocês! — falou a moça, explodindo de felicidade. — Eu fiquei encarregada de fazer o levantamento jornalístico de toda a aventura.

E antes que Mike pudesse protestar ou qualquer coisa do gênero, ela adiantou:

— Eu estarei acompanhando vocês a todos os lugares a partir de agora!

* * *

Os cinco dias que se seguiram foram de intensos preparativos para a viagem que Mike, Louise e Nancy iriam fazer para o nordeste, em busca de pistas mais concretas e frescas de Steve Lerner.

Enquanto isso, no escritório da Pinkerton, Gaspery dava tratos à bola para entender o que estava acontecendo.

Era-lhe muito difícil compreender de que maneira Mike, um detetive experiente como era, permitiria que as reportagens sobre ele e Louise fossem publicadas.

Aquilo era frontalmente contra toda e qualquer conduta que cie conhecesse!

Podia prejudicar frontalmente uma investigação mais minuciosa e detalhada e ao mesmo tempo, facilitaria que bandidos interessados em abiscoitar alguma coisa bem grande, pudessem lançar mão dessas informações para agirem.

— A menos — pensou Gaspery — que Mike esteja querendo exatamente isso! A menos que ele esteja querendo chamar a atenção de todos para um determinado setor e de repente, ele vai agir por um outro lado, completamente diferente de tudo o que se pode imaginar no momento!

Gaspery tinha lido com muita atenção tudo o que saíra publicado no jornal.

Por isso, tinha uma noção muito boa da situação, desconfiava que havia por trás daquilo tudo alguma coisa muito mais importante do que simplesmente uma irmã que estava querendo encontrar o irmão desaparecido havia muitos anos.

E Gaspery, como bom detetive que era, estava certo e ciente de que só teria resposta para todas as suas perguntas, se começasse o mais depressa possível a fazer investigações paralelas, aproveitando-se das informações

que os formidáveis arquivos da Pinkerton poderiam lhe fornecer e valendo-se das conclusões que conseguira tirar, depois de analisar com muito cuidado as reportagens de Nancy.

Assim, ele conseguiu saber que, para Louise. o objetivo básico de sua vida, não era outro senão encontrar Steve Lerner.

Na entrevista com Nancy, ela chegara a declarar que pagaria o que lhe pedissem apenas para ter uma informação precisa a respeito de seu irmão.

Um sorriso iluminou o rosto de Gaspery.

— Muito bem, mocinha estouvada e rica! — falou ele para si mesmo. — Você vai pagar mesmo... Muitos milhões pelo seu irmãozinho!

E soltando uma gargalhada, acrescentou:

— E o melhor é que vou deixar esse canalha do Mike McHammer completamente desmoralizado!

* * *

Em Bozemann Pass, no sul de Montana, um homem olhou desconsolado para o jornal que tinha acabado de abrir diante de seus olhos.

— Mas isto não pode acontecer! — exclamou ele. — Seria um verdadeiro desastre!

Levantou-se, deu alguns passos pela cabana de caça que estava ocupando e olhou pela janela, para os morros cobertos de neve.

— Não posso permitir que essa loucura continue! — murmurou.

Maldisse a sua própria preguiça por não ter aberto o jornal no dia anterior, quando o fora buscar em Bozemann. Se tivesse feito isso, ao invés de ir até o escritório do xerife ver se encontrava mais alguma coisa para fazer, certamente teria embarcado no primeiro trem para o sul. para impedir a qualquer preço que aqueles três malucos continuassem a mexer cm um campo tão perigoso.

Mas não!

Ele tinha ido falar com Hastings, o xerife de Bozemann. ao invés de ler o jornal que tinha acabado de chegar de San Francisco!

Tornou a olhar pela janela.

Tinha nevado muito durante a noite e isso poderia até impedi-lo de sair. bloqueando as trilhas estreitas e perigosas da montanha.

Mexeu no bolso da camisa, onde tinha guardado o último cartaz de “procurado pela justiça” que o xerife lhe tinha dado.

Não era uma recompensa que o tentasse.

Deixar o conforto de sua cabana para ir procurar por um reles ladrão de gado que estava perdido em algum lugar ao norte de Helena, não era exatamente a melhor coisa que poderia fazer em um inverno tão frio.

Por ele, não sairia mais de sua cabana até que o sol voltasse a brilhar e as flores, sopradas pelos ventos suaves da primavera, recomeçassem a colorir as pradarias.

Porém, havia aquela notícia...

E ela era grave o bastante para fazê-lo quebrar a sua rotina, deixar a sua casa apesar do frio e dos perigos que teria que enfrentar para ir dali até Bozemann logo após uma nevasca!

Steve Lerner suspirou.

Teria que correr o risco.

Não podia permitir que sua irmã o fosse procurar, de maneira nenhuma, deixar que ela o encontrasse!

Isso poderia significar um perigo muito grande para ela, pois não era nem um pouco seguro ser a irmã de um dos mais famosos caçadores de recompensas do norte dos Estados Unidos!

Ele tinha tomado todas as precauções...

Tinha mudado de nome, tinha fugido, se escondido, se enfurnado no mato como um animal selvagem.

Sua irmã não poderia aparecer e de maneira nenhuma saber o que ele tinha feito aqueles anos todos para poder transformá-la em uma milionária.

E Lerner naquele instante, começava a sentir o peso dos anos, o cansaço a que tinha sido levado por uma vida de tensões e medos quase que permanentes.

Tinha muitos inimigos...

E todos eles poderiam querer se vingar sobre sua irmã!

O que ele não poderia permitir que acontecesse de forma nenhuma!

CAPÍTULO OITAVO

Uma suspeita terrível

James Pinkerton olhou para os dois telegramas que tinha diante de si, sobre a escrivaninha em ébano de seu luxuoso escritório.

— Não estou entendendo coisa alguma — disse para Paul Joseph Ness, seu assessor direto. — Estes dois estão pedindo exatamente a mesma coisa! Por que não somam seus esforços e trabalham juntos como devem trabalhar os homens de minha empresa?

Ness sorriu e disse:

— Pura e simplesmente porque Mike McHammer não faz mais parte da folha de pagamento da Pinkerton James... Só isso!

Pinkerton fez uma careta.

Tinha se esquecido desse detalhe e naquele momento, ao recordá-lo, voltava a sentir uma certa mágoa.

Ele sempre gostara de Mike e não tinha se conformado, ainda, com a sua saída da empresa.

— Bem, — disse ele. — Nesse caso, as coisas ficam mais simples. Não temos que informar de coisa alguma, alguém que já deixou o nosso serviço!

Entregou os telegramas para Ness e falou:

— Mande a resposta que Gaspery está querendo. Não nos custa nada dizer o que sabemos a respeito desse tal de Steve Lerner.

— E Mike, James? — perguntou Ness. — Vamos deixá-lo sem resposta?

James coçou a cabeça grisalha.

— Não — falou ele. — Não vamos ser tão duros e tão radicais. Dê resposta a Mike, também. E capriche nela...

Olhou as informações contábeis que tinha acabado de receber pelo telégrafo e acrescentou:

— Aliás, é interessante tentar descobrir porque não recebemos qualquer informação a respeito de Gaspery estar com um caso novo!

Ness sorriu.

Ele não gostava de Gaspery, achava-o presunçoso e na realidade, profundamente incompetente.

Assim, apanhando o “San Francisco” de alguns dias atrás, mostrou-o para Pinkerton e disse:

— Aqui você tem a resposta, James... Gaspery está em guerra aberta contra Mike. Por isso, ele está tentando sabotar as investigações do rapaz, compreende? E não sei não... Acho que ele está muitíssimo mal-intencionado!

Ness era um indivíduo de uma capacidade de discernimento fora de série, dono de um raciocínio dedutivo de causar inveja a Doyle.

Com um sorriso, ele falou:

— Imagine o que essa moça, Louise Lerner, não pagaria para ter o irmão ou então uma informação precisa sobre o seu paradeiro.

E com uma expressão preocupada, acrescentou:

— Imagine o que ela não pagaria se alguém sequestrasse o rapaz e exigisse um resgate!

Pinkerton ficou pensativo, tamborilando com os dedos sobre o tampo de sua escrivaninha.

Sim... Isso era bem possível.

— Acho que nós vamos fazer outra coisa, meu amigo — disse ele. — Envie a resposta diretamente para Mike. E em seu nome, sem colocar coisa alguma que possa ligá-lo à Pinkerton. Em seguida, em um telegrama oficial, chame esse bandido do Gaspery para cá! Creio que é chegada a hora de dar-lhe um bom puxão de orelha!

Ness sorriu, satisfeito.

Ficaria feliz de poder ajudar Mike e mais ainda de ver que a justiça estava sendo feita e Gaspery não iria continuar a subir dentro da empresa.

— Está agindo certo, James — falou ele. — Pode estar ciente de que Gaspery está fazendo algum plano diabólico! E olhe que você sabe como são as minhas suspeitas! Dificilmente eu erro!

* * *

Mike sorriu ao receber o telegrama de Chicago.

— Esse Ness! — falou ele, com carinho. — Sempre um bom antigo!

Ansioso, abriu o envelope, verificando com um sorriso que a mensagem tinha sido enviada em caráter particular, de Ness para ele, de modo a não haver qualquer envolvimento com a Pinkerton.

Por cima de seu ombro, Louise e Nancy, leram:

STEVE LERNER DESAPARECEU MISTERIOSAMENTE DEPOIS DE TER IMPEDIDO UM ROUBO A BANCO EM LARAMIE. DESDE ENTÃO, NA REGIÃO NOROESTE DOS ESTADOS UNIDOS, SURGIU UM CAÇADOR DE RECOMPENSAS CHAMADO STUART LESSING QUE PODE MUITO BEM SER O MESMO HOMEM. SUA BASE DE AÇÃO É EM HELENA OU EM BOZEMANN. FELICIDADES.

ASSINADO: PAUL JOSEPH NESS.

— Nossas suspeitas se confirmaram — disse Mike, com um sorriso.

Muito séria. Louise perguntou:

— Mas se meu irmão não é um criminoso, por que ele não quis aparecer durante todo este tempo?

Mike sorriu e respondeu:

— Porque isso poderia ser muito perigoso para você, querida. Um caçador de recompensas é um indivíduo que possui muitos inimigos. Não' seria difícil descontarem em cima de você, compreende? Assim, como um ilustre desconhecido, sem família e sem ninguém, ele teria mais segurança.

Uma lágrima escorreu pelo canto dos olhos de Louise, quando ela disse:

— Pobre Steve... Que vida dura ele deve estar levando!

CAPÍTULO NONO

Um truque muito sujo

Gaspery não se conformou com a ordem recebida de Pinkerton.

— Ele não vai conseguir me alijar da empresa! — exclamou, irritado. — E tampouco fazer com que eu desista desse dinheiro e da possibilidade de me vingar de Mike!

Sem perda de tempo, ele se dirigiu para o telégrafo.

Mantinha um bom relacionamento com o responsável pela decifração de mensagens e assim, não teve muita dificuldade em saber que Mike tinha recebido naquele mesmo dia um telegrama.

Bastou uma nota de vinte dólares para que o funcionário do telégrafo imediatamente facilitasse ao agente da Pinkerton a mensagem recebida por Mike.

Gaspery leu o telegrama com um sorriso amargo em seu rosto.

Não havia mais nenhuma dúvida de que o próprio Pinkerton estava contra ele!

— Eles não perdem por esperar — falou Gaspery, cheio de raiva. — Não perdem por esperar!

Sem perder um segundo sequer, tratou de aprontar suas coisas para uma viagem urgente.

Apanhou todo o dinheiro que havia no cofre da Pinkerton, deixou a porta aberta para que pensassem que tinha havido um assalto e foi embora.

Rumou para a estação e no primeiro trem para o norte, embarcou.

— Chegarei antes deles — falou para si mesmo, esfregando as mãos de satisfação e contentamento... — E podem correr à vontade! Saberei como fazer para que a viagem de Mike se atrase o máximo possível!

Riu, sozinho em sua cabine e apanhou de dentro do cano de sua bota, duas bananas de dinamite.

Amarrando-as uma à outra, ligou à bomba um pavio de queima lenta, calculando que levasse pelo menos quinze minutos para detonar.

Em seguida, tornou a guardar a dinamite na bota e ajeitando-se o melhor que pôde em sua cabina, adormeceu.

* * *

Foi acordar já noite alta, o trem atravessando uma planície deserta, muito longe de Sacramento.

Sem perda de tempo, passou para a parte traseira do vagão, o seu era o último, e ficou ali por alguns minutos, esperando para ver se aparecia alguém para vigiar seus gestos.

Não apareceu ninguém...

Era uma noite fria, havia neve na paisagem gelada e isso fazia com que nem mesmo o chefe-de-trem, que tinha a obrigação de conferir de hora em hora os freios dos vagões e os engates, tivesse coragem para ficar andando pelas plataformas dos vagões.

Gaspery jogou a dinamite.

Satisfeito, viu que ela se encaixou perfeitamente entre os dormentes da linha férrea.

Aquilo seria o suficiente para atrasar a viagem de Mike por pelo menos dois dias.

O tempo de que ele iria precisar para encontrar Steve Lerner.

Sim, não havia dúvida de que era um truque muito sujo.

Porém, quando se punha em jogo alguns milhões de dólares, não havia mais sujeira que não fosse tornada lícita!

Mas. o destino não estava com Gaspery.

Muito pelo contrário!

Com a sua raiva e precipitação, Gaspery não verificou se algum outro trem tinha deixado San Francisco em direção ao norte.

Confiou no fato de que aquele trem que ele estava' pegando era o único do dia e como não tinha visto Mike na estação...

No entanto, havia já mais de duas horas que Mike e suas duas acompanhantes estavam viajando rumo a Montana, em' uma composição especial, fretada pelos dólares de Louise.

— Não vou ficar esperando chegar trem nenhum! — exclamou a moça. — O dinheiro é feito exatamente para ser usado em horas como esta!

Sem vacilar, alugou uma composição especial e comprou os horários até Bozemann Pass, de maneira a poder viajar sem ter que parar uma única vez e esperar o cruzamento com outro trem.

Das coisas que os dólares fazem...

Das vantagens de se viver em um país capitalista.

Assim, quando Gaspery explodiu os trilhos atrás de seu vagão, ele não conseguiu atingir o seu objetivo.

Mike McHammer, Louise e Nancy já estavam bem à sua frente. Se encontravam bem adiante de Humboldt Lake...

Enquanto isso. em Bozemann Pass. Steve Lerner decidia enfrentar o frio e a neve rumando a San Francisco para se encontrar com a irmã.

— Ela virá por Humboldt Lake — disse ele para si mesmo. — Hei de conseguir encontrá-la e fazê-la desistir dessa idéia idiota de me ver!

Acabou de ajeitar suas coisas sobre o lombo de uma mula. saltou para cima de seu cavalo e sem perda de tempo, começou a caminhar para Bozemann, mais de trinta milhas a sudoeste de onde se encontrava.

Tinha lido no jornal que sua irmã estava acompanhada por Mike McHammer, um homem que conhecia de ouvir falar.

— Espero apenas que ele não esteja usando minha pobre Louise como um trampolim para se aproximar de mim — falou Lerner, preocupado. — Se isso estiver acontecendo, eu o enforcarei com requintes de crueldade, nem que seja a última coisa que faça em minha vida!

CAPÍTULO DÉCIMO

Adeus, canalha

Gaspery percebeu que sua tentativa de chegar antes de Mike tinha se frustrado já em Bozemann. Montana.

Tinha acabado de descer do vagão em que viajara desde San Francisco até lá e por muito pouco, não punha tudo a perder, quase esbarrando no próprio Mike McHammer, na plataforma dg estação.

Conseguiu, por um golpe de sorte, se desviar e assim, não permitir que ele o visse.

— Maldito! — exclamou, quando já estava longe do ex-colega, bem escondido atrás de uma pilha de sacos de cereais. — Como foi que ele conseguiu me enganar dessa maneira?

Esperou até que Mike desaparecesse a caminho do hotel e com um suspiro, disse:

— Bem... Não há o que se possa fazer! Eles estão aqui e eu também! Pois que vença o melhor! Vou tratar de procurar Steve Lerner e quando eu o encontrar, veremos o que vai ser possível fazer!

Lerner, enquanto isso, tratava de se apressar o mais que podia, dormindo pouco, parando quase nada, na esperança de poder chegar a Bozemann antes das grandes nevascas, que, se o surpreendessem nas trilhas das montanhas, representavam um imenso perigo, um fenomenal risco de vida.

E Steve não queria morrer!

Muito menos naquele momento, quando estava tão perto de rever a sua irmã.

— Se não for possível, eu a verei apenas de longe — falou ele para si mesmo. — Ela deve ter ficado uma moça muito bonita... Se puxou à mamãe...

Não pôde evitar que seus olhos se enchessem de lágrimas ao se lembrar da mãe.

Tinha sido o começo de tudo...

E ele já estava tão cansado daquela vida!

Estava querendo parar, encontrar um lugar onde pudesse ficar em paz, ter uma vida ao menos um pouco mais normal!

Mas não!

Lerner estava cansado de saber que a vida de um caçador de recompensas era alguma coisa de muito especial.

Ele jamais teria repouso!

Somente poderia parar no dia em que alguém, mais rápido do que ele, conseguisse matá-lo!

Até então, ele continuaria a matar...

Matar para se defender, matar para defender a sociedade, para permitir que outras pessoas tivessem uma vida mais normal.

Mas... Um dia aconteceria.

Apareceria um mais rápido, mais esperto, com mais sorte ou simplesmente menos leal.

Uma bala acabaria com os seus padecimentos, terminaria com os seus problemas.

Às vezes, Lerner chegava até a desejar que esse dia viesse.

* * *

Lerner chegou a Bozemann exatamente dois dias depois de Gaspery, já quando estavam começando a cair as tempestades de neve mais violentas.

Rumou diretamente para o hotel, com a esperança de encontrar lá o nome de sua irmã.

Porém, para sua decepção, não havia ninguém hospedado ali com o sobrenome Lerner e mesmo depois de procurar muito, não encontrou ninguém que se assemelhasse a Mike McHammer.

— Mas que diabo! — exclamou. — Onde será que estão metidos?

Desanimado, para poder pensar um pouco melhor, ele desceu para o saloon com a idéia de tomar um bom trago de uísque.

Não sei porque — disse ele para o barman, mas o uísque faz com que encontremos mais rapidamente as soluções para os nossos problemas. não é verdade?

O barman que o conhecia muito bem, riu e disse:

— Pode ser... Mas pode, também, trazer muitos mais problemas do que os que já temos... Basta apenas beber um pouco demais, não é isso mesmo?

Lerner concordou.

O barman, servindo-lhe mais uma dose, falou:

— Hoje, duas pessoas vieram procurá-lo aqui...

Imediatamente, todas as defesas de Steve Lerner se prepararam para funcionar.

O barman prosseguiu:

— Uma das pessoas é aquele homem que está ali, olhando exatamente para cá.

Nesse preciso momento o recepcionista do hotel aproximou-se de Gaspery para lhe dizer que “aquele homem” era quem ele estava esperando.

Gaspery entregou para o rapaz uma nota de cinquenta dólares e com passo firme, rumou para perto de Lerner.

Tirando a carteira com a identificação da Pinkerton, ele disse:

— Steve Lerner, eu sou agente da Pinkerton e tenho algumas coisinhas para lhe dizer...

Lerner vacilou.

Conhecia muito bem a Pinkerton e sabia que uma das regras básicas da empresa era não deixar que seus agentes se identificassem por qualquer razão.

O que era muito lógico, pois não interessava em absoluto que todos ficassem sabendo quem era da Pinkerton e quem não.

Olhando de soslaio para o barman, ele sorriu para Gaspery e disse:

— Muito bem, amigo... Tome um trago comigo enquanto conversamos! Aqui estamos entre amigos!

Aquela resposta não era propriamente o que Gaspery estava querendo ouvir.

Sua idéia era a de atrair Lerner para um dos reservados e uma vez longe de outros olhares, dar um jeito de fazê-lo beber um pouco de narcótico.

— O que eu tenho para lhe dizer não pode ser assim disse Gaspery. — É preciso ter um pouco de privacidade!

Lerner sorriu.

Estava percebendo o cheiro da traição naquele homem.

— Está certo — disse ele. — Vamos para um lugar mais sossegado! Vamos à beirada do rio... Ali, nesta época do ano, cu tenho a certeza de que não haverá ninguém para nos atrapalhar!

Mais uma vez. Gaspery mordeu a língua, irritado.

Não era nada disso que ele estava querendo, um lugar onde ele mesmo pudesse estar correndo risco!

Mesmo porque ele estava cansado de saber, que, em um duelo, não teria a menor chance contra um homem como aquele caçador de recompensas.

Estava pensando o mais rapidamente que podia em uma saída para a situação, quando a portinhola de vaivém do saloon se abriu e uma moça linda, entrou, apressada, dizendo:

— Não. Steve! Não vá! Esse homem é um canalha! Está querendo certamente se aproveitar do momento para extorquir o nosso dinheiro!

Gaspery empalideceu.

Viu entrar atrás de Louise o maldito Mike McHammer e Nancy. muito curiosa, com os olhos arregalados.

Ele estava muito perto de Nancy.

Não haveria uma oportunidade melhor de tentar escapar com vida daquela enrascada.

Em um repente, empurrou uma mesa para cima de Mike e agarrando Nancy pelo braço, sacou o revólver e disparou...

A bala foi alcançar a coxa direita de Mike, derrubando-o no chão e fazendo com que Louise se debruçasse sobre ele, desesperada, imaginando que o ferimento fosse muito grave.

— Afastem-se! — começou Gaspery. — Afastem-se se não quiserem ver os miolos desta pequena, espalhados por todo o saloon!

EPÍLOGO

Há sempre esperança

Nancy estava desesperada.

Sabia que aquele bandido estava em pânico e por isso mesmo, não vacilaria em matá-la para escapar.

Viu que não poderia contar com a ajuda de Mike, ferido, deitado no chão e decepcionada, que Lerner erguia lentamente as mãos, dizendo:

— Deixe a moça, rapaz... Ela não tem nada a ver com isso!

Gaspery riu.

— Nada disso! — fez ele. — Ela e você virão comigo! Serão o meu passaporte para a liberdade! E para a fortuna!

Foi muito difícil para Lerner não se trair.

Era exatamente o que ele estava querendo.

Com um girar de cintura, ajeitou o cinturão sem nem mesmo colocar as mãos nele.

Deixou mais à frente uma estranha arma que ali levava: um pistolete de dois canos de calibre doze.

Andando à frente do bandido, Lerner saiu do saloon e caminhou para o lado da estrebaria municipal.

Lembrou-se, de repente, que aquela moça que estava ali, cujo nome constava no jornal que lera. era uma repórter, uma jornalista de bom nível.

Tinha, pois a obrigação de saber outras línguas além do inglês.

Como se estivesse muito nervoso, Lerner começou a cantar em francês!

Em sua cantiga, ele dizia para a moça, que, quando ele se voltasse para trás. ela deveria imediatamente se jogar no chão.

Satisfeito, ouviu uma tossidela de Nancy, mostrando que tinha compreendido.

Esperou mais um pouco até chegar num lugar completamente deserto.

E então ele se virou.

Com uma velocidade estonteante ele se voltou para trás, a mão direita apanhando o pistolete e disparando contra a cabeça de Gaspery os dois canos da arma.

Gaspery deu um salto para trás e caiu, sua cabeça completamente destruída, a face irreconhecível.

Nancy, vendo-se salva, agarrou-se a Lerner e depois de soluçar por um momento, falou:

— Vamos! Depressa! Mude as suas roupas com o bandido! Você morreu, compreende?

Steve Lerner sorriu.

Sim, ele tinha compreendido...

Beijou a testa de Nancy enquanto tirava o mais depressa que podia as suas roupas e o seu chapéu.

* * *

— A culpa foi minha! — disse Louise, inconsolável. — Se eu não tivesse vindo para cá. você não estaria ferido e meu irmão não estaria morto! E isso sem contar com o fato de Nancy que está prisioneira daquele bandido!

Mike fez uma careta e ajeitou a perna sobre o sofá do vagão particular que estavam ocupando.

— Não sei como vou encarar a família de Nancy — falou mais uma vez Louise.

Nesse momento, Lerner surgiu da parte reservada à carga do vagão e trazendo Nancy pela mão. falou:

— Também não sei como vou encarar a família de Nancy, maninha. Depois do que aconteceu, acho que vai ser difícil deixarem-na se casar com um caçador de recompensas. Principalmente quando ele já está morto, não é mesmo?

E abrindo os braços, recebeu a irmã para um beijo, dizendo:

— Até que enfim, Louise! Até que enfim, poderei ter paz!

FIM

A seguir: A MORTE ESPREITA

Não perca!

* SE VOCÊ GOSTA DO MELHOR LEIA:

** **F. B. I.**
– Histórias policiais com os famosos agentes federais norte-americanos.

** **H. H.**
– Epopéias de guerra que ainda não foram contadas.

** **Z. Z. 7.**
– Aventuras de Brigitte Montfort, a espiã mais linda do mundo.

** **ZZ7 Série AZUL**
– Relançamentos das aventuras de Brigitte Montfort, a espiã da CIA.

** **CHUMBO GROSSO**
– Histórias eletrizantes cheias de ódio.

** **CHUMBO MORTAL**
– Emocionantes aventuras do velho oeste.

** **CHUMBO QUENTE**
– Novelas do faroeste com muita ação.

** **OESTE BARRA PESADA**
– Empolgantes aventuras no cenário rude e hostil do velho oeste.

** **OESTE BEIJO E BALA**
– Faroeste cheio de emoção do princípio ao fim.

** **OESTE BRUTAL**
– Uma visão íntima dos cowboys temerários.

** **OESTE CARGA DUPLA**
– O velho oeste rude e violento.

** **OESTE PERIGOSO**
– Um bangue-bangue excepcional cheio de violência.

** **OESTE PRA VALER**
– Aventuras de bangue-bangue que você desejava ler.

** **OESTE PROIBIDO**
– Um faroeste bem violento e prá frente.

** **OESTE VERMELHO**
– Uma balada de incidentes perigosos no velho oeste bravio.

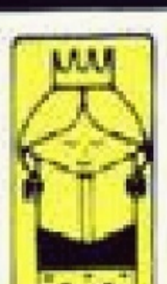
** **OESTE VIOLENTO**
– Um farceste cheio de emoção e violência.

** **TIROTEIO**
– Aventuras inéditas sob o sol do oeste norte-americano.

NOVELAS INÉDITAS

••••• PEÇA AO SEU JORNALEIRO •••••

EDIÇÃO VISTA. JI-PARANÁ, MACAPÁ, MANAUS, PORTO VELHO, RIO BRANCO E SANTARÉM (VIA AÉREA) MAIS 30% DO PREÇO DE CAPA.



Editora Monterrey Ltda.

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr$ 80,00